



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO E LETRAS E SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM SOCIEDADE,
CULTURA, E FRONTEIRAS - NÍVEL DE MESTRADO.
LINHA DE PESQUISA: LINGUAGEM, CULTURA E IDENTIDADE

MICHELLE LECHETA

PAISAGEM LINGUÍSTICA URBANA NA FRONTEIRA:
DINÂMICAS E IDENTIDADES SOCIAIS

FOZ DO IGUAÇU- PR

2020

MICHELLE LECHETA

**PAISAGEM LINGUÍSTICA URBANA NA FRONTEIRA:
DINÂMICAS E IDENTIDADES SOCIAIS**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná –UNIOESTE –Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Sociedade, Cultura e Fronteiras.

Orientadora: Profa. Dra. Isis Ribeiro Berger.

Coorientadora: Profa. Dra. Regina Coeli Machado e Silva.

FOZ DO IGUAÇU- PR

2020

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Lecheta, Michelle

Paisagem linguística urbana na fronteira : Dinâmicas e identidades sociais / Michelle Lecheta; orientador(a), Isis Ribeiro Berger; coorientador(a), Regina Coeli Machado e Silva, 2020.

87 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Foz do Iguaçu, Centro de Educação, Letras e Saúde, Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras, 2020.

1. Paisagem Linguística. 2. Sociedade. 3. Poder. 4. Fronteira. I. Ribeiro Berger, Isis . II. Machado e Silva, Regina Coeli. III. Título.



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Foz do Iguaçu - CNPJ 78.680.337/0004-27

Av. Tarquínio Joslin dos Santos, 1300 - Fone: (45) 3576-8100 - Fax: (45) 3575-2733

Pólo Universitário - CEP 85870-650 - Foz do Iguaçu - Paraná



PARANÁ

GOVERNO DO ESTADO

MICHELLE LECHETA

**PAISAGEM LINGUÍSTICA URBANA NA FRONTEIRA: DINÂMICAS E
IDENTIDADES SOCIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociedade, cultura e fronteiras, área de concentração Sociedade, Cultura e Fronteiras, linha de pesquisa Linguagem, Cultura e Identidade, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:

Orientador(a) Isis Ribeiro Berger

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Foz do Iguaçu (UNIOESTE)

Luciana Vedovato

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Foz do Iguaçu (UNIOESTE)

Neiva Maria Jung

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Foz do Iguaçu, 27 de fevereiro de 2020

Prof. Dr. Oscar Kenji Nihei
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Sociedade, Cultura e Fronteiras
Portaria nº 1222/2019 - QNS de 09/04/2019

*Da ordem dos planetas às maravilhas do mundo antigo,
Da resignação ao verdadeiro amor.
Dedico este trabalho a você,
Quem me ensinou
A ser quem sou!
Minha mãe,
Sandra.*

AGRADECIMENTOS

Nos dois anos de mestrado tive a oportunidade de experimentar a melhor relação com uma instituição de ensino que já tive. Conheci professores inspiradores e funcionários comprometidos. Fiz amigos. Me reinventei. Fui muito feliz. Por tudo isso sou grata:

A Deus, por me oportunizar caminhos e me permitir cruzá-los com saúde.

Às minhas maiores apoiadoras na vida: Minha irmã Karin e minha companheira Cida, que movem montanhas para meu bem-estar e minha felicidade. Sem vocês, nada faria sentido!

À minha orientadora, profa. Dra. Isis Ribeiro Berger, primeiramente por me escolher - oportunizando-me assim viver a experiência do mestrado. Em seguida, por ter genuinamente me auxiliado e acompanhado desde a escrita do primeiro artigo. Pelo incentivo à escrita acadêmica e também literária, por assertivamente me indicar os caminhos e por lançar luz onde meus pensamentos não se faziam claros. Pelo seu comprometimento e pelo harmonioso convívio, lhe serei sempre grata!

À querida profa. Dra. Regina Coeli Machado e Silva, pelo acompanhamento e pelas inspiradoras aulas. Ter sido sua aluna foi certamente um privilégio.

À profa. Dra. Luciana Vedovato, pelas preciosas contribuições nos processos de apresentação de seminário e qualificação desta pesquisa, assim como pelas suas aulas - densas em conteúdo, mas conduzidas com a leveza necessária para nos sentirmos à vontade em participar.

À profa. Neiva Jung, pelas delicadas e assertivas palavras que contribuíram sobremaneira ao aprimoramento desta pesquisa. Por suas indicações e por toda

sua disponibilidade em colaborar com este trabalho, lhe sou extremamente grata!

À profa. Dra. Denise Moraes e ao prof. Dr. Oscar Nihei, por toda confiança depositada em mim nas atividades desenvolvidas no âmbito do programa. Atividades estas que contribuíram muito em minha formação acadêmica.

À Vania Valle, pela acolhida ao programa e por me auxiliar em todas minhas dúvidas institucionais. Meu primeiro contato com o programa não poderia ter sido melhor, graças a você!

Ao prof. Me. Joni Fontella, por gentilmente me oportunizar realizar o estágio de docência em sua disciplina e aos estudantes de Letras Português – Inglês da Unioeste, que foram essenciais para que o estágio tenha sido um dos melhores momentos de meu mestrado!

Agradeço ainda à CAPES, pelo incentivo à pesquisa e pela disponibilização de recursos financeiros. Que a fundação resista aos períodos sombrios de cortes de incentivo à pesquisa e que em breve muitos colegas pesquisadores possam também usufruir do benefício que tive.

Antes de encerrar, agradeço também à querida amiga Rita de Cássia Pereira de Carvalho, doutoranda do programa, que com muita gentileza e disposição me auxiliou na organização da mostra fotográfica, fonte de dados desta pesquisa. Obrigada querida!

Por último, mas não menos importante, agradeço ao amigo que o mestrado me deu, Ian Martin Vargas, por todo companheirismo, pela amizade, pela preocupação e por todos os momentos leves (e pesados) que compartilhamos. Tenho muita admiração por você, querido! Aqui seguimos juntos.



Organização das
Nações Unidas
para a Educação, a
Ciência e a Cultura



- Cátedra UNESCO em
- Políticas Linguísticas para o Multilinguismo
- Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
- Florianópolis, Brasil

Presto ainda especial agradecimento à Cátedra UNESCO em Políticas Linguísticas para o multilinguismo, coordenada pela profa. Dra. Isis Ribeiro Berger no âmbito da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, em cujo escopo insere-se esta pesquisa em Paisagem Linguística.

LECHETA, Michelle. **Paisagem linguística urbana na fronteira: dinâmicas e identidades sociais**. 2020. 87.f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Foz do Iguaçu.

RESUMO

A presente pesquisa propõe lançar um olhar aos espaços públicos da cidade de Foz do Iguaçu, localizada na região da Tríplice Fronteira (BR–PY–AR), que são apropriados por grupos que imprimem suas identidades e demandas em forma de frases e símbolos linguísticos em muros e paredes – o que aqui se atribui o nome de ‘manifestação linguística’. A partir dos conceitos de Paisagem Linguística (LANDRY; BOURHIS, 1997; SHOHAMY, 2006; SPOLSKY, 2009), busca-se primeiramente, compreender como se caracteriza a paisagem linguística do espaço público urbano de Foz do Iguaçu no que se refere a estas manifestações linguísticas. Busca-se também, a partir de mostra fotográfica de manifestações extraídas da região central da cidade e da análise de questionários aplicados a passantes desta mostra, depreender qual a percepção dos observadores acerca dessas manifestações. Objetiva-se assim, de maneira geral, compreender de que forma esta percepção pode contribuir à visibilidade dos grupos representados nos muros, legitimando ou não suas demandas a partir da leitura da paisagem urbana e das questões sociais nela imbricadas. Com perspectiva interdisciplinar (LEIS, 2011), coleta de dados visuais (FLICK, 2008) e tratamento dos dados a partir de abordagem qualitativa, a pesquisa inclui a análise das relações de poder (FOUCAULT, 1979; 1995; 2010; 2014) no sentido de destacar o caráter de resistência dessas manifestações, ao se fazerem presentes em espaços em que se “normatiza” a higienização. Também inclui elementos analíticos da Geografia da Visibilidade (GOMES, 2013), de modo a auxiliar a compreensão da percepção dos elementos na paisagem urbana onde se inserem as manifestações analisadas. Como resultado, a análise de dados sugeriu que os passantes urbanos não estão alheios às manifestações linguísticas que compõe a paisagem da cidade e que a observância do conteúdo expresso nestas manifestações pode mobilizar diferentes percepções nesses passantes, revelando assim a maneira pela qual estes se relacionam com a cidade a partir deste fenômeno linguístico-social.

Palavras-chave: Fronteira. Paisagem Linguística. Percepção. Poder.

ABSTRACT

The current research proposes to set the eye on the public spaces of Foz do Iguaçu city, located in the Triple Border region (BR-PY-AR), which are appropriated by minoritarian groups who print their identities and demands in form of phrases and linguistic symbols on walls – what is here called ‘linguistic manifestation’. From the concepts of Linguistic Landscape (LANDRY; BOURHIS, 1997; SHOHAMY, 2006; SPOLSKY, 2009) this research seeks, at first, the comprehension of the way the linguistic landscape of the public urban space of Foz do Iguaçu is featured in relation to those linguistic manifestations. Considering the exhibition of photographs taken from the manifestations located in the central area of the city and the analyses of questionnaires that were applied to the exhibition viewers, it is also intended to understand what the perception of the urban walkers who transit on the spaces where there are linguistic manifestations is. It is generally intended, therefore, the comprehension of how this perception might contribute to the visibility of the groups which are represented on the walls, legitimizing or not their demands, being able to trigger on the passing-by receptors the development of a critical reading of the urban landscape and of the social issues which are imbricated in it. This study has, therefore, an interdisciplinary approach (LEIS, 2011), visual data collect (FLICK, 2008) and qualitative data processing, including discussion based on the power relations (FOUCAULT, 1979; 1995; 2010; 2014), in order to emphasize the resistance feature of these manifestations since they make themselves present on space where the cleanness is “normalized”. It also includes analytic elements from the Geography of Visibility (GOMES, 2013), in order to subsidize the comprehension of the urban landscape perception where the analyzed manifestations are inserted. As a result, the data analysis has suggested that the urban passersby are aware of the linguistic manifestations which compose the city landscape and that the observation of the content expressed on these manifestations may mobilize different perceptions on these passersby, revealing the way they relate to the city through this social-linguistic phenomenon.

Keywords: Border. Linguistic Landscape. Perception. Power.

RESUMEN

Esta investigación propone observar los espacios públicos de la ciudad de Foz de Iguazú, ubicada en la Región de la Triple Frontera (BR - PY - AR), que son apropiados por grupos que imprimen sus identidades y demandas en forma de frases y símbolos lingüísticos en muros y paredes: denominadas en este trabajo 'manifestación lingüística'. A partir de los conceptos de Paisaje Lingüístico (LANDRY; BOURHIS, 1997; SHOHAMY, 2006; SPOLSKY, 2009), primero buscamos entender cómo el paisaje lingüístico del espacio público urbano de Foz de Iguazú se caracteriza en términos de estas manifestaciones lingüísticas. También se busca, a partir de exposición fotográfica, hecha con manifestaciones extraídas de la región central de la ciudad y el análisis de cuestionarios aplicados a los transeúntes de la exposición, comprender cuál es la percepción de los observadores sobre estas manifestaciones. Por lo tanto, el objetivo es, en general, comprender cómo esta percepción puede contribuir a la visibilidad de los grupos representados en las paredes, legitimando o no sus demandas desde la lectura del paisaje urbano y los problemas sociales involucrados. Con una perspectiva interdisciplinaria (LEIS, 2011), recolección de datos visuales (FLICK, 2008) y tratamiento de datos desde un enfoque cualitativo, la investigación incluye el análisis de las relaciones de poder (FOUCAULT, 1979; 1995; 2010; 2014) con el fin de destacar el carácter de resistencia de estas manifestaciones, cuando están presentes en espacios donde la "higiene" está "normalizada". También incluye elementos analíticos de Geografía de la visibilidad (GOMES, 2013), para ayudar a comprender la percepción de los elementos en el paisaje urbano donde se insertan las manifestaciones analizadas. Como resultado, el análisis de datos ha sugerido que los transeúntes urbanos no son ajenos a las manifestaciones lingüísticas que componen el paisaje de la ciudad y que observar el contenido expresado en estas manifestaciones puede movilizar diferentes percepciones de estos transeúntes, revelando así la forma en que se relacionan con la ciudad a partir de este fenómeno lingüístico-social.

Palabras clave: Frontera. Paisaje lingüístico. Percepción. Poder.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 01: Cartaz de divulgação do evento Primavera Universitária 2018.....	41
IMAGEM 02: Cartaz/Convite à mostra fotográfica	42
IMAGEM 03: Placa informativa em português e inglês em avenida de grande circulação.....	50
IMAGEM 04: “America Latina vai ser toda feminista”	52
IMAGEM 05: “Mujer bonita es la que lucha”	52
IMAGEM 06: “Tire seu rosário dos meus ovários”	53
IMAGEM 07: “Respeita as mina” (Al. Rui Ferreira).....	53
IMAGEM 08: “Foz Para! Greve Geral”	54
IMAGEM 09: “Greve Geral”	54
IMAGEM 10: “Lula Livre”	54
IMAGEM 11: “Smile Jesus loves you! Just believe it!” – Tradução: “Sorria Jesus te ama! Acredite nisso!.....	55
IMAGEM 12: “Eu pixo vc pinta vamos ve que tem mais tinta”	56
IMAGEM 13: Exemplo da numeração fotográfica da mostra – B3 e B4.....	62
IMAGEM 14: “Todo mês deve ser rosa”	64
IMAGEM 15: “Respeita as mina” (Av. Brasil).....	65
IMAGEM 16: “Respeita as mina” (Av. Juscelino Kubistchek).....	65

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 01: Exemplo de questão contida no questionário aplicado (Questão 2).....	43
ILUSTRAÇÃO 02: Exemplo de questões contidas no questionário aplicado (Questão 3 e 4).....	44
ILUSTRAÇÃO 03: Exemplo de questão contida no questionário aplicado (Questão 5).....	44
ILUSTRAÇÃO 04: Exemplo de questão contida no questionário aplicado (Questão 6).....	45
ILUSTRAÇÃO 05: Exemplo de questões contidas no questionário aplicado (Questão 7).....	46
ILUSTRAÇÃO 06: Exemplo de questão contida no questionário aplicado (Imagem C3).....	63
ILUSTRAÇÃO 07: Exemplo de questão contida no questionário aplicado (Questão 13).....	69

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01: Respostas à questão de número 2 do questionário aplicado.....	58
GRÁFICO 02: Respostas à questão de número 4 do questionário aplicado.....	59
GRÁFICO 03: Respostas à questão de número 6 do questionário aplicado.....	61

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 A PAISAGEM LINGUÍSTICA - CONCEITOS E APROXIMAÇÕES.....	21
2.1 BREVE HISTÓRICO DE PESQUISAS EM PAISAGEM LINGUÍSTICA.....	24
2.2 MANIFESTAÇÕES LINGUÍSTICAS COMO REFLEXO DE RELAÇÕES DE PODER.....	28
2.3 A TRÍPLICE FRONTEIRA - TERRITÓRIOS E IDENTIDADES.....	31
3 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS.....	37
3.1 CAMINHOS PERCORRIDOS - DOS REGISTROS FOTOGRÁFICOS À ORGANIZAÇÃO DA MOSTRA.....	39
3.2 DA COMPOSIÇÃO À APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS.....	43
4 A PAISAGEM LINGUÍSTICA DE FOZ DO IGUAÇU - POSSIBILIDADES DE ANÁLISE E COMPREENSÃO.....	48
4.1 AS PAREDES DA CIDADE - (RE)CONHECENDO A DIVERSIDADE LOCAL.....	49
4.2 O OLHAR DO OBSERVADOR - A PERCEPÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES LINGUÍSTICAS A PARTIR DOS DADOS DA PESQUISA.....	57
4.3 A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM LINGUÍSTICA COMO REPESENTAÇÃO SIMBÓLICA DA CIDADE.....	70
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
6 REFERÊNCIAS.....	76
7 APÊNDICES.....	80

1 INTRODUÇÃO

“All the environment is a Linguistic Landscape text that needs to be critically read”.¹

Elana Shohamy

Diferentes espaços de circulação pública da cidade fronteiriça de Foz do Iguaçu são apropriados por sujeitos e grupos que imprimem suas marcas, identidades, demandas e anseios em forma de frases e símbolos linguísticos em muros e paredes da cidade, revelando a partir dessa prática – aqui denominada manifestação linguística – o esforço em se fazerem partícipes visíveis na conformação daquela paisagem urbana. Essas manifestações são, em sua maioria, vistas pelas autoridades locais como vandalismo – o que resulta no apagamento das mesmas e consequente invisibilização dessas reivindicações e subjetividades.

Esta pesquisa, de caráter interdisciplinar (LEIS, 2011; POMBO, 2008; RAYNAUT; ZANONI, 2011), constituída com base no campo da Paisagem Linguística, propõe pensar a linguagem exposta no meio urbano como uma chave de compreensão de fenômenos sociais, evidenciando a agência de grupos e sujeitos que se empenham e se arriscam por visibilidade, procurando compreendê-las como ocupações do espaço público e estratégias de resistência frente ao poder instituído.

Advinda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná e inserida na linha de pesquisa em Linguagem, Cultura e Identidade deste programa, esta pesquisa busca fomentar o interesse na análise de como a linguagem se estabelece em paisagens urbanas de fronteira e de que modo essas análises podem contribuir à apreensão das singularidades dos espaços fronteiriços, visibilizando diferentes línguas, demandas e, por conseguinte, identidades.

¹ Em português: “Todo o ambiente é um texto de Paisagem Linguística que precisa ser criticamente lido” (tradução nossa).

Não é tarefa deste estudo valorar uma ou outra manifestação ou, ainda, discutir o seu possível valor estético. Por isso, nosso intuito é compreender o que as manifestações linguísticas postas podem nos dizer acerca do momento histórico ao qual os sujeitos estão circunscritos, a partir de um olhar que considere os símbolos de inclusão e exclusão social por meio da paisagem linguística local.

Sendo assim, levantam-se neste estudo questionamentos acerca da caracterização da Paisagem Linguística da cidade e da percepção dos observadores sobre os espaços urbanos onde há manifestações linguísticas em muros e paredes no que diz respeito ao caráter dessas manifestações.

Adotamos aqui o termo “percepção” da paisagem linguística, em detrimento à “interpretação” ou “apreensão” de modo a alinhar esta pesquisa à terminologia já utilizada em estudos de autores e autoras que fundamentam o campo, como em Landry e Bourhis (1997), Gorter (2006), Backhaus (2007) e Shohamy e Gorter (2009).

Consoante à terminologia utilizada nos estudos em paisagem linguística, pautamo-nos também no postulado do geógrafo Milton Santos ao enunciar que a “dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos” (SANTOS, 1988, p. 22).

Objetiva-se desse modo verificar se essa percepção que, segundo Gomes (2013), sofre interferência da organização espacial dos elementos em visibilidade, ou seja, do lugar onde estão expostas as manifestações, contribui de alguma forma à visibilidade de grupos e legitimação de suas reivindicações, ou se os sujeitos observadores desse fenômeno agem como vigilantes do Estado, por exemplo, percebendo as manifestações como uma espécie de afronta à justiça ou vandalismo e não como reivindicação de direitos ou formas de resistência.

Ao pensar a pesquisa acerca da Paisagem Linguística, pesquisa esta que se insere na agenda dos estudos sociolinguísticos e da linguística aplicada como um campo preliminarmente interdisciplinar, parece inevitável a convergência de olhares dos estudos sociológicos, linguísticos e geográficos sobre o objeto de

pesquisa, de modo a se fazer compreender mais precisamente o espaço público como local de marginalização de minorias e de imposição do poder do Estado².

Sendo assim, conforme mencionado, este estudo foi desenvolvido a partir de uma perspectiva interdisciplinar fundamentada nos estudos em Paisagem Linguística (LANDRY; BOURHIS, 1997; SHOHAMY, 2006, 2009; SPOLSKY, 2009), adotando como cerne a perspectiva de Foucault (1979, 1995, 2010, 2014) no que diz respeito ao poder, à normalização e à vigilância, no sentido de compreender como esse cenário linguístico urbano composto pelas manifestações pode se caracterizar como uma arena de resistência de grupos contra a incorporação das regras que ditam o que deve e o que não deve compor a paisagem. Traz-se ainda ao diálogo, a proposta de um olhar sobre as manifestações a partir da geografia da visibilidade (GOMES, 2013), possibilitando a ressignificação do objeto de análise a partir da enunciação de certas condições de visibilidade geográfica-espaciais que, segundo o geógrafo, interveem “na percepção que temos das coisas e na atenção que dispensamos a elas” (GOMES, 2013, pg. 8).

No que se refere às manifestações impressas em locais não autorizados pelo poder público, a Paisagem Linguística do centro de Foz do Iguaçu se caracteriza como espaço de busca por visibilidade dos agentes produtores dessas inscrições linguísticas, dada a significativa presença das mesmas pelas principais avenidas centrais – Avenida Brasil e Avenida Juscelino Kubitschek, por exemplo – onde os muros e paredes exibem frases relacionadas principalmente à política, ao movimento feminista e ao direito à manifestação.

O multilinguismo, presente na tecitura da paisagem urbana iguaçuense, em meios permitidos pelo poder público como anúncios publicitários, placas de trânsito, informes turísticos, por exemplo, também está contido nas manifestações “não-oficiais”, que se exibem em variadas línguas, como espanhol, inglês e guarani, além do português, língua oficial do país.

Partimos do pressuposto de que espaços sociais urbanos são apropriados por sujeitos e grupos que imprimem em muros e paredes suas identidades e

² Problematicamos o Estado a partir da noção de Bourdieu, em seu sentido de “possessão do monopólio da violência física e simbólica legítima”, bem como de sua compreensão do Estado poder ser definido como um “princípio oculto que só pode ser captado nas manifestações da ordem pública, entendida ao mesmo tempo como ordem física e como o inverso da desordem” (BOURDIEU, 2014, p. 30).

suas demandas em forma de frases de impacto, firmando assim a tentativa de se fazerem partícipes visíveis na composição da paisagem urbana, demonstrando sua necessidade de agência³ em uma sociedade marginalizadora.

Considerando o exposto, a pesquisa foi iniciada a partir da captação fotográfica de manifestações linguísticas do centro da cidade, sua posterior seleção, seguida de sua exposição em um evento de grande circulação e aplicação de questionários direcionados à aferição da percepção dos observadores das manifestações expostas em nossa mostra.

Sendo assim, buscamos apreender como se caracteriza a paisagem linguística do espaço público urbano de Foz do Iguaçu, no que tange às manifestações de grupos interditados de expressar suas demandas políticas e sociais e, ainda, procuramos verificar que percepção tem os observadores dessas manifestações linguísticas em muros e paredes acerca do caráter das mesmas.

A partir dessa análise, tencionamos demonstrar se a percepção (GOMES, 2013) das manifestações linguísticas que compõe o meio urbano contribuem positivamente para dar visibilidade a grupos contestatórios e legitimar suas demandas, podendo assim acionar nos passantes receptores das mensagens o desenvolvimento de uma leitura crítica da paisagem e das questões sociais adjacentes a ela, ou se as pessoas que percebem essas manifestações reproduzem o discurso das autoridades, tornando-se assim vigilantes do Estado.

Dessa maneira, buscamos propor o estabelecimento de uma ‘Sociolinguística da Paisagem Urbana’ a partir da apreensão das características do espaço urbano de Foz do Iguaçu no que se refere às manifestações impressas nos muros e da análise da percepção desse fenômeno linguístico-social que aqui nomeamos ‘manifestação linguística’, como marcador da tentativa de democratização do espaço público a partir da expressão comunicativa.

Para tanto, iniciamos o desenvolvimento da pesquisa a partir do capítulo intitulado ‘A paisagem Linguística – conceitos e aproximações’, no qual apresentamos os conceitos desse campo interdisciplinar, apresentando um

³ De acordo com Jordão (2004), a agência não se limita ao engajamento em movimentos sociais. Esta é fruto de uma mudança interna e do desenvolvimento de atitudes que transformam a própria subjetividade.

panorama de pesquisas realizadas tanto em nível nacional quanto internacional. Nesse capítulo, buscamos contribuir com o debate sobre a Paisagem Linguística como ferramenta que pode revelar questões sociais que refletem as relações de poder entre línguas e grupos de fala.

Buscamos ainda, na seção intitulada “A Tríplice Fronteira – Territórios e Identidades”, discutir brevemente um recorte histórico da formação da fronteira na qual a cidade de Foz do Iguaçu está inserida, no sentido de contextualizar nosso *lócus* de pesquisa, discutindo interdisciplinarmente os conceitos de Território e Identidade e sua relação com a conformação da paisagem urbana e, por conseguinte, a paisagem linguística em toda sua abrangência.

Seguimos assim para o capítulo metodológico, no qual explicitamos o caráter interdisciplinar do processo de construção desta pesquisa e detalhamos desde os procedimentos de recorte espacial para a captação fotográfica das manifestações linguísticas, a escolha da amostragem a ser exibida até a elaboração do questionário a partir do qual os dados desta pesquisa se baseiam, bem como os problemas epistemológicos encontrados para a aferição pretendida.

Finalmente, apresentamos o capítulo intitulado ‘A Percepção da Paisagem Linguística – Possibilidades de análise e compreensão’, no qual trazemos a discussão da paisagem linguística como reflexo da organização da cidade. Buscamos, na seção intitulada “As Paredes da Cidade – (Re)conhecendo a diversidade local”, apresentar a Paisagem Linguística de Foz do Iguaçu a partir de imagens contextualizadas das manifestações encontradas nos muros e paredes centrais da cidade. Baseamo-nos, para tal apresentação, no aporte teórico da Geografia da Visibilidade (GOMES, 2013). Ainda neste capítulo, trazemos a apresentação e a análise dos dados da pesquisa bem como as possibilidades de ressignificação do espaço linguístico da cidade a partir do que chamamos de uma ‘Sociolinguística da Paisagem Urbana’.

2 A PAISAGEM LINGUÍSTICA - CONCEITOS E APROXIMAÇÕES

*“The study of Linguistic Landscape may constitute an interesting way of uncovering social realities”.*⁴

Elana Shohamy

Os estudos em Paisagem Linguística (doravante PL) visam investigar de que maneira as línguas estão postas nos ambientes de convívio social públicos e privados, de modo a verificar como se desenvolvem as relações de poder entre elas nesses espaços de visibilidade. Sendo assim, o objeto de análise dos estudos em PL se caracteriza pela observação de elementos linguísticos dispostos nesses espaços.

Esses elementos podem estar contidos nos letreiros dos estabelecimentos comerciais, nas placas que contém informações de trânsito ou de localização, nos outdoors⁵ e *banners* espalhados pela cidade, pelas manifestações linguísticas e artísticas performadas nos muros e nas paredes, assim como toda e qualquer forma de representação linguística exposta no meio público e privado.

De acordo com Spolsky (2009), o campo da PL advém dos estudos da Sociolinguística e da Política Linguística, objetivando apreender as escolhas linguísticas expostas nos espaços de convívio urbanos mono/bi/multilíngues e sua relação com a sociedade.

O conceito de PL foi pioneiramente proposto por Landry e Bourhis (1997), relacionando-o à “visibilidade e proeminência das línguas em sinais públicos e comerciais em um dado território ou região” (LANDRY e BOURHIS, 1997, p. 23). Para os autores, à PL caberia duas funções distintas: a informativa e a simbólica. A primeira delimita uma fronteira linguística, marcando assim o espaço pertencente a uma certa comunidade de fala, e a segunda, uma função simbólica, estabelecendo-se no campo das relações entre visibilidade e

⁴ Em português: “O estudo da Paisagem Linguística pode constituir uma forma interessante de revelar realidades sociais”(tradução nossa).

⁵ Por tratar-se de um estrangeirismo já incorporado à língua portuguesa, optamos por não manter a palavra outdoor em modo itálico. Sua tradução literal para a língua portuguesa significa “exterior” e não “cartaz” ou “painel”, o que em língua inglesa traduziria-se como “Billboard”.

invisibilidade de representação dessas comunidades nos ambientes, demarcando assim as relações de poder de grupos de fala dominantes.

Para Landry e Bourhis (1997), a análise da PL viabiliza aferir o *status* e poder de determinadas línguas e grupos sociais ao revelar a superexposição ou a invisibilização de determinadas línguas no espaço urbano. Consoante aos autores, Shohamy (2006) alega que

[...] o espaço público serve tanto como ferramenta nas mãos de diferentes grupos para a transmissão de mensagens quanto ao lugar de diferentes línguas em instâncias políticas e geográficas assim como para influenciar e criar realidades linguísticas de facto (SHOHAMY, 2006, p.111, tradução nossa)⁶.

No que se refere às interferências performadas nos espaços de visibilidade de caráter não-oficial, ao que se confere nesta pesquisa o nome de ‘manifestação linguística’, Landry e Bourhis (1997) ainda advertem que a ausência de representação de línguas e grupos minoritários nos espaços públicos pode resultar em atos insurgentes que pressionem as autoridades sob a forma de pichação e grafite. Conforme alegam os autores:

As autoridades dos grupos dominantes frequentemente controlam os aparatos judiciais e policiais necessários para reprimir tais campanhas constituídas por grafite, embora o custo financeiro de substituição de placas alteradas seja tão alto que faça as autoridades se comprometerem em relação às línguas nas placas públicas (LANDRY e BOHRIS, 1997, p.28, tradução nossa)⁷.

De maneira a ampliar a abrangência das análises em PL, Shohamy (2009) afirma que, sendo a PL um campo interdisciplinar que converge de áreas como a Sociologia, a Geografia, a Economia e o Planejamento Urbano, esta pode servir de ferramenta aos estudos que objetivam compreender significados mais

⁶ “[...] the public space serves as a tool in the hands of different groups for the transmission of messages as to the place of different languages in the geographical and political entities and for influencing and creating de facto language realities” (SHOHAMY, 2006, p.111).

⁷ “Dominant group authorities often control the police and judicial apparatus needed to repress such graffiti campaigns, though the financial cost of replacing defaced public signs may be such that authorities may eventually reach a compromise regarding the language of public signs” (LANDRY e BOHRIS, 1997, p.28).

profundos das relações entre língua e espaço. Shohamy ainda apura que o rápido desenvolvimento dos espaços virtuais e da internet viabiliza diferentes formas de percepção da PL, não mais necessitando da presença física do observador. De maneira a significar e a aprofundar essas diferentes possibilidades de análise, a autora indaga:

Que tipo de realidade a PL cria e forma? O que motiva as pessoas a exibir a linguagem? Como as pessoas avaliam a PL? Que mensagens estão sendo entregues aos passantes? Que tipo de linguagem está sendo criada no espaço público? De que forma as imagens e demais tipos de representação interagem entre si? [...] E finalmente, o que pode acrescentar o estudo de PL em suas muitas perspectivas para nossa compreensão de língua, sociedade e as pessoas? (SHOHAMY, 2009, p.2, tradução nossa)⁸.

Consoante às indagações de Shohamy (2009) no que se refere à origem dos sinais linguísticos que caracterizam a paisagem urbana, Spolsky (2009, p. 70, tradução nossa) também afirma que “a grande maioria dos estudos de sinais é baseada na observação, contagem e tomadas fotográficas dos sinais já expostos, sem olhar para o processo pelo qual determinado sinal foi produzido”.⁹

Este estudo se direciona à percepção e interpretação dos passantes acerca das manifestações linguísticas no espaço urbano no sentido de evidenciar esse campo de estudo por meio do qual questões sociais, políticas e econômicas se revelam, não ficando restrito à observação da diversidade de línguas que se faz presente na PL em análise, ou seja, o olhar foi destinado aos leitores e não ao processo de produção.

⁸ “What kind of reality does LL create and shape? What motivates people to display language? How do people value LL? What messages are being delivered to passers-by? Which types of language(s) are being created in the public space? How do images and all other representations interact? [...] And finally, what does the study of LL in its many perspectives add to our understanding of language, society and people?” (SHOHAMY, 2009, p.2)

⁹ “The vast majority of studies of signs are based on observation, counting, and [...] photographing actual finished signs, and not looking at the process by which that particular sign was produced” (SPOLSKY, 2009, p.70).

2.1 BREVE HISTÓRICO DE PESQUISAS EM PAISAGEM LINGUÍSTICA

*“Language Policy (LP) is not only about how people speak but also about how they choose to use language as a symbol for constructing identities”.*¹⁰

Elana Shohamy

O objeto de análise das pesquisas em PL tem como cerne a investigação dos elementos linguísticos dispostos nos espaços de circulação públicos e privados, seja em placas de trânsito, letreiros de estabelecimentos comerciais, outdoors, propagandas, manifestações linguísticas e artísticas nos muros ou paredes ou ainda qualquer marca linguística que se faça presente nos espaços de visibilidade.

O campo da PL, que surge a partir da Sociolinguística e da Política Linguística, tem por objetivo inicial a compreensão dos usos e preferências linguísticas em espaços urbanos de circulação, sejam esses espaços monolíngues, bilíngues ou multilíngues em sua vinculação com a sociedade (SPOLSKY, 2009).

Conforme já mencionado, a definição pioneira para o que mais tarde conheceríamos sob o nome de Paisagem Linguística, foi estabelecida por Landry e Bohris (1997) e consignava à PL à investigação da presença de determinadas línguas em dado espaço. Desse modo, para os pesquisadores do campo, os estudos em PL contribuiriam para revelar a manutenção da vitalidade de comunidades linguísticas, dada a partir dos graus de presença de determinadas línguas nos sinais urbanos, demonstrando assim a representatividade desse grupo.

No que concerne às manifestações motivadas pela resistência, discussão na qual baseia-se esta pesquisa, Landry e Bohris (1997) já advertiam que a ausência de línguas minoritárias nos sinais públicos pode levar ativistas a pressionar as autoridades pela inclusão dessas línguas, inclusive sob a forma da pichação e do grafite, formas essas reprimidas pelo Estado.

¹⁰ Em português: “Política Linguística não trata apenas de como as pessoas falam, mas também de como elas escolhem usar a língua como símbolo para construir identidades” (tradução nossa).

Anos mais tarde, Gorter (2006) traz uma sucessão de artigos que tratam do campo da PL sob diferentes perspectivas, desde estudos empíricos em diferentes localidades do continente asiático, como Israel, Japão e Tailândia, assim como outras localidades europeias, como os Países Baixos e a Espanha, a análises sociais que tangem à função simbólica trazida anteriormente por Landry e Bouhis (1997).

A partir desses variados estudos, Gorter destaca que o conceito de PL tem sido utilizado de formas distintas, tanto no sentido amplo que se refere à análise de como determinada língua se apresenta em dado local, quanto no sentido da observação da presença e do uso das línguas em um determinado espaço geográfico. Nesse sentido, Gorter chama a atenção ao fenômeno da globalização¹¹ que tem se apresentado na PL a partir do aumento de exposição da língua inglesa nos espaços de visibilidade.

O pesquisador destaca também as questões metodológicas concernentes às pesquisas em PL, afirmando que, embora as técnicas para captação de fotografias e armazenagem desse material nos bancos de dados digitais sejam totalmente descomplicados hoje em dia, o pesquisador que faz uso de um grande número de fotografias enfrenta alguns problemas metodológicos, como a seleção da amostra e a seleção do recorte geográfico sobre os quais realizará a análise.

Já em 2009, a pesquisadora em estudos linguísticos Elana Shohamy ampliou as possibilidades de análise em PL, inicialmente ao propô-la como campo interdisciplinar, ao envolver os aportes da Educação, da Geografia, da Sociologia, da Economia e do Planejamento Urbano, aproximando, assim, pesquisadores que se propunham a compreender de maneira mais holística os significados sociais performados nos espaços. Ela ainda apura que a tecnologia mediatizada pela internet e a popularização dos espaços virtuais instaura novas maneiras de se perceber a PL em ambientes nos quais não se faz obrigatória a presença física do observador.

À parte dos estudos em âmbito internacional, há também um crescente interesse em relação às análises em PL por pesquisadores que têm contribuído

¹¹ Conceito que atualmente, conforme Kumaravadivelu, faz-se um dos importantes discursos críticos que “dominam a produção de conhecimento nas humanidades e nas ciências sociais” (2006, p. 129), ressaltando o inglês como a língua da globalização.

em âmbito nacional, apresentando e desenvolvendo o campo também no Brasil. São estudos que partem do campo da Linguística Aplicada ou da Sociolinguística, mas que apresentam caráter igualmente interdisciplinar.

Destacamos o estudo de Jung e Dalla Vecchia (2016) que, a partir da discussão do conceito de superdiversidade e da análise de PL, buscam compreender os significados sociais dos usos de linguagem em um contexto plurilíngue suábio-brasileiro, apontando a partir da análise de dados que as representações linguísticas da variedade oficial alemã em conjunção ao português relacionam-se aos interesses econômicos de mobilidade daquela comunidade.

Salientamos também a pesquisa de Silva *et al* (2016) que analisam de que maneira a PL da cidade de Foz do Iguaçu (PR), na tríplice fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai, representa o multilinguismo na paisagem urbana e ainda quais políticas linguísticas se inserem nessa representação. De acordo com as autoras, a análise da PL nesse espaço transfronteiriço viabiliza a apreensão de assimetrias quanto à veiculação das línguas, em especial a língua guarani, quase invisível perante a presença eminente da língua portuguesa e da língua inglesa, essa última como língua “translocal” que representa o fluxo turístico da região e que ao mesmo tempo, dada sua preponderância, simboliza o *status* econômico dessa língua globalizante.

Considerando ainda os estudos em PL na região da Tríplice Fronteira, a pesquisa de Berger e Elsenbach (2017) investigou como se dão as condições de visibilidade de diferentes línguas que coexistem nesse espaço fronteiriço. A partir da convergência de olhares advindos dos campos da Geografia, da Política Linguística e da Sociolinguística, as autoras demonstraram que, a despeito de se tratar de uma paisagem linguística multilíngue, na região central do município de Foz do Iguaçu (PR) se sobressaem os sinais em língua inglesa em diversos espaços de visibilidade.

No âmbito do Programa Sociedade Cultura e Fronteiras, em que se inscreve este estudo, também encontramos o trabalho de Yu (2018) sobre a presença das línguas chinesas em Foz do Iguaçu, bem como a relação dos grupos de falantes dessas línguas com a sociedade local. Para tanto, a pesquisadora dedica atenção à presença da escrita chinesa na PL da cidade,

indicando, a partir dos dados, que essa escrita se encontra em evidência nos estabelecimentos comerciais voltados ao público chinês.

Salientamos ainda a contribuição de Soares (2018), ao apontar como a superdiversidade linguística está presente na PL da cidade de Juiz de Fora - MG, a partir da análise dos 'grafismos urbanos', compreendidos como as pichações e os grafites. A tese da pesquisadora aponta de que maneira essas intervenções constituem a PL da cidade e sua representação dentro de um contexto linguístico superdiverso, a partir da captação fotográfica e da realização de pesquisa etnográfica, concluindo, assim, que os conceitos de território linguístico e monolinguismo já não dão conta de absorver todo o dinamismo dos contatos linguísticos e sua fluida mobilidade.

Acrescentamos também o trabalho de Berger e Lecheta (2019) que, ao analisarem às manifestações linguísticas nas paredes de um campus universitário multilíngue e fronteiriço e as motivações dos seus agentes produtores, mostrou que a PL pode se configurar como uma representação da necessidade de visibilidade de grupos minoritários e minorizados, como mulheres, negros, indígenas e estrangeiros, a partir da exposição de suas demandas e subjetividades em frases nas paredes do campus.

A partir dos estudos apresentados, observamos que é crescente a preocupação com a análise de como as línguas são veiculadas no espaço urbano, motivando, assim, investigações que se acomodam tanto sob a perspectiva do plano informativo quanto do plano simbólico, indo desde a presença/ausência das línguas na paisagem até a circunscrição do debate às questões sociológicas inerentes a essas presenças, ausência e formas de expressão linguística.

Por fim, ressaltamos que o presente estudo se inscreve justamente na análise das formas de expressão linguística performadas¹² a partir das manifestações em espaços públicos da cidade de Foz do Iguaçu e de que

¹² Cabe ressaltar que, embora o conceito de "*performance*" na linguística esteja inicialmente atrelado à dicotomia saussuriana *langue* – o sistema e *parole* – o uso (*performance*), pretendemos utilizá-lo como a extrapolação de um uso individual da linguagem e entendê-lo, no caso das manifestações performadas nos muros, como a caracterização de um lugar político de insurgência de demandas e confronto ao modelo social estabelecido.

maneira essas inscrições se estabelecem no plano simbólico das relações de propriedade, possibilidade e poder.

2.2 AS MANIFESTAÇÕES LINGÜÍSTICAS COMO REFLEXO DE RELAÇÕES DE PODER

*“Apagaram tudo, pintaram tudo de cinza
A palavra no muro, ficou coberta de tinta...”
Marisa Monte*

No processo de ocupação do espaço visual-lingüístico urbano, observa-se tanto a apropriação amplamente aceita de informes comerciais afixados em muros, paredes e postes da cidade, quanto os proeminentes outdoors e grandes anúncios mercantis que ostentam marcas, cores e mensagens de maneira livre. Assim, essa forma de utilização do espaço urbano é legítima – o que entra em choque quando a modificação do espaço vem a partir de manifestações linguísticas outras, postas em locais não autorizados pelos aparatos do Estado.

Visto como fruto de um comportamento transgressor, a manifestação não autorizada nos espaços urbanos tende a ser apagada pelas autoridades municipais, que funcionam como agentes coercitivos da sociedade, invisibilizando esses atos e impondo as normas que tencionam uniformizar o comportamento social, agindo nessa trama de dominação que institui o que pode e o que não pode ser visto. Desses apagamentos advém a interdição da produção do discurso que, segundo o filósofo Michel Foucault (1996), é o mais incontestável procedimento de exclusão em nossa sociedade. Conforme observa-se nas palavras do autor:

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição (FOUCAULT, 2014a, p.8).

Além da interdição da expressão individual e coletiva contidas naquela manifestação linguística, também é negada a possibilidade de promoção de sentido pelos sujeitos que circulam nos espaços e percebem essas manifestações.

Nesse contexto de forças, as manifestações reaparecem, no mesmo ou em novos espaços, afirmando seu caráter de persistência e sobretudo, resistência, onde provocações são lançadas seja para afirmar a existência dos autores, seja para afirmar seu escape à 'normalização' (FOUCAULT, 2010).

Para Foucault, essa normalização se estabelece pela forma de práticas permitidas e não permitidas aos sujeitos, que se encontram submetidos ao sistema de vigilância do poder do Estado, sendo então as manifestações nos espaços públicos uma forma de resistência inevitável, de insurgência e subversão do poder exercido pela regulamentação, pela norma, uma vez que para o autor:

Não há relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem inversão eventual; toda relação de poder implica, então, pelo menos de modo virtual, uma estratégia de luta, sem que para tanto venham a se superpor, a perder sua especificidade e finalmente a se confundir (FOUCAULT, 1995, p. 248).

De modo a aferir a percepção sobre as manifestações linguísticas 'não-oficiais' compondo os espaços urbanos, compreende-se a PL como um espelho da própria sociedade, revelando seus aspectos sociais, econômicos e políticos e refletindo a própria trama de eventos aos quais os sujeitos estão submetidos e a forma como esses sujeitos se constituem socialmente.

Partindo então da percepção dos espectadores urbanos sobre o conteúdo simbólico performado nas manifestações linguísticas do recorte espacial desta pesquisa, buscamos compreender as diferentes relações de poder e resistência que estão contidas nas manifestações e como essas impactam esses observadores – que poderão ser atingidos empaticamente, de maneira a perceberem e legitimarem as demandas anunciadas nas manifestações ou, do contrário, agirão como vozes do Estado, que clamarão a ordem e a penalização dos autores das manifestações.

De acordo com Foucault (1979), essas possibilidades se dão pois, ao contrário de um poder que se estabelece única e verticalmente a partir do Estado, o poder atravessa toda a estrutura da sociedade, sendo cada sujeito um lugar de passagem desse poder. Conforme o autor:

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (FOUCAULT, 1979, p. 183).

Isto posto, não só os aparatos do Estado estabeleceriam as normas de conduta social, como também os próprios indivíduos, apropriando-se dos parâmetros disseminados pelos grupos dominantes, regulando o que pode ser feito e o que deve ser visto. A essa forma de agência reguladora disseminada Foucault dá o nome de poder disciplinar. De acordo com Foucault, o poder disciplinar estará contido no discurso que '[...] será o da regra; não o da regra jurídica derivada da soberania, mas o da regra natural, isto é, da norma', estabelecida a partir das premissas do grupo dominante relativas ao que se pode ou se deve fazer (FOUCAULT 2010, p. 33).

Como consequência, há implicações no estabelecimento de, segundo Gomes (2003, p.6), certas condições que 'contribuem diretamente para que algumas imagens sejam mais notadas, sejam privilegiadas em detrimento de outras', ficando a cargo dos grupos dominantes a parametrização do que possui valor estético e do que não o possui, influenciando diretamente na visibilidade e percepção dos elementos expostos na paisagem, exercendo-se nas tramas sociais a 'normalização' (FOUCAULT, 2010) que será rompida a cada manifestação insurgente na paisagem, uma vez que, conforme Foucault, onde se encontra o poder, há de se encontrar a resistência.

Partindo dessa reflexão de Foucault, faz-se possível compreender de que forma a PL em que estão contidas essas manifestações insurgentes pode se revelar um *lôcus* de resistência contra a assimilação de normas que regem o que pode e o que não pode compor as paisagens do espaço urbano.

Gomes (2013, p.23), ao tratar da relação dos elementos que compõem a paisagem e seu contexto social, afirma que ‘as dinâmicas que afetam a visibilidade, aquilo que se exhibe, o público que observa, tudo isso deve ser reunido na compreensão da vida social.’

Ainda nesse sentido, comungam Ben-Rafael *et al* (2006), ao enunciarem que a análise dos elementos constitutivos de uma PL ‘traça um campo que justifica um estudo sistemático, podendo assim constituir uma maneira interessante de revelar realidades sociais’ (BEN-RAFAEL *et al*, 2006, p.9, tradução nossa¹³).

Desse modo, entende-se aqui que pensar a cidade a partir das manifestações linguísticas que demonstram questionamentos de determinados grupos pode levar à ressignificação dos seus espaços enquanto palco de resistência contra as formas de sujeição, trazendo como possibilidade o estudo sistemático que visa à compreensão das relações sociais que se estabelecem a partir da análise da percepção da PL, estudo esse que aqui nomeamos de ‘Sociolinguística da Paisagem Urbana’.

2.3 A TRÍPLICE FRONTEIRA – TERRITÓRIOS E IDENTIDADES

*“Nacimos de muchas madres
pero aquí solo hay hermanos”¹⁴
Banda Calle 13*

O fragmento oriundo do recorte espacial e temporal necessários ao desenvolvimento de um trabalho científico precisa considerar as características e as variáveis da realidade e contexto histórico do local. Ao se pensar a região onde a presente pesquisa está inserida é possível observar uma grande diversidade de nacionalidades, línguas, credos e memórias entre os seus habitantes, parte devido ao processo histórico de formação das cidades que a

¹³ “[...] outline a field that may justify a systematic study as it may constitute an interesting way of uncovering social realities” (BEN-RAFAEL *et al*, 2006, p.9).

¹⁴ Em português: “Nascemos de muitas mães, mas aqui só há irmãos” – Trecho da música intitulada “La Perla”, da banda Calle 13.

compõe e parte devido a recentes movimentos migratórios e de deslocamento pendular entre as cidades fronteiriças. Partindo da demarcação legal, da perspectiva do Estado-nacional, tem-se a presença de três países compondo o espaço da Tríplice Fronteira: Argentina, Brasil e Paraguai. Presença essa instituída por força de lei e reforçada pelos controles aduaneiros e símbolos nacionais (e linguísticos) dispostos na paisagem urbana.

Foz do Iguaçu, *lócus* desta pesquisa, com seus aproximadamente 260 mil habitantes, considerando os dados do IBGE¹⁵, está localizada na região do extremo oeste do estado do Paraná e possui uma área total de 618,353 km². Segundo informações da Prefeitura Municipal¹⁶, registros arqueológicos “situaram em 6.000 a.C os vestígios da mais remota presença humana na região”. A bibliografia aponta a presença espanhola em 1542, quando Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca chega às Cataratas do Iguaçu guiado pelos indígenas locais.

Séculos mais tarde fundou-se uma Colônia Militar que em 1910 passou à condição de vila, intitulada Vila Iguaçu, em 10 de junho de 1914 por meio da Lei 1383, de 14/03/1914. Ao longo de seus 105 anos, seus ciclos econômicos e por conseguinte de fluxos populacionais distintos, passaram por importantes marcadores como a Marcha para Oeste (de “ocupação” do território), o comércio com as cidades vizinhas, em especial com *Ciudad del Este* (Paraguai), a criação da hidrelétrica ITAIPU Binacional, o turismo, e mais recentemente o aumento de Instituições Educacionais de Ensino Superior na região como a Universidade Federal da Integração Latino Americana – UNILA, e a significativa presença de estudantes que buscam o estudo da Medicina nas cidades fronteiriças paraguaias (WEBBER, 2018).

Já a cidade de Puerto Iguazú, localizada na província de Misiones, de acordo com o INDEC¹⁷ (2013), conta com uma população de 82.227 habitantes com base no último censo geral (2010), e foi fundada oficialmente pelo Estado Argentino em 10 de setembro de 1901. A resenha histórica apresentada no site

¹⁵ Conforme consulta ao site oficial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população constatada no último censo (2010) seria de 256.088, porém a projeção para o corrente ano (2019) foi apresentada pelo órgão como sendo uma população estimada de 258.532 pessoas.

¹⁶ Site oficial da Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu. Disponível em: <http://www.pmf.ig.gov.br/conteudo/?idMenu=1007>. Acesso em 20/10/2019.

¹⁷ Instituto Nacional de Estadística y Censos de la República Argentina. Informações disponíveis pelo site: <https://www.indec.gob.ar/>. Acesso em 25/10/2019.

oficial do município¹⁸ traz o turismo como a principal atividade econômica do município, destacando a presença de inúmeros hotéis internacionais e a importância do *Parque Nacional do Iguazú*.

Considerando a relevância do tema do turismo, alguns trabalhos se debruçaram sobre o impacto da atividade turística na região, bem como a sua relação com os grupos locais. Tendo uma forte presença indígena, a apropriação do turismo também perpassa às comunidades Guaraní aldeadas na área, atuando para o “posicionamento destas comunidades no mundo globalizado” (CÁRDENAS, 2018).

Do lado paraguaio, *Ciudad del Este* é a segunda cidade mais importante do país, sendo a capital do Departamento de Alto Paraná. Segundo os dados oficiais, possui uma população 296.597 habitantes (DGEE, 2015). Como principal atividade econômica em sua área urbana tem-se o comércio, contudo em sua extensão micro regional pode-se ainda considerar a relevância de áreas de produção agrícola de larga escala, principalmente ligadas à produção de soja.

A cidade destaca-se como uma das localidades de grande interesse para estudos nas áreas da economia, segurança, como também sociológicos e antropológicos, devido ao seu volume de mercadorias e trânsito de pessoas.

Sendo assim, pode-se destacar a pesquisa de Rabossi (2004) que acompanhou o trabalho dos *mesiteros*, “como ali são chamados os vendedores de rua” (Ibid, p. 21), que contribuiu para complexificar o olhar das relações comerciais ali existentes, bem como apresentar as dinâmicas próprias daquele mercado.

Ao falar de cada cidade, percebe-se a dificuldade em separá-las de seu contexto regional e das relações que a constituem, uma vez que formam uma unidade – a tríplice fronteira. Os rios Paraná e Iguazú que parecem (hoje) delimitar de forma natural os limites geográficos de cada país, também podem remeter às conexões e continuidades existentes desde muito tempo, com a presença indígena na região, sobretudo Guaraní. Vale também destacar que, mesmo após séculos de processo de colonização e “ocupação” do território por parte dos Estados Nacionais, pode-se verificar na região a resistência indígena, parte alocada em Aldeias (como a Aldeia Mbyá Guaraní Jasy Porã, Yryapú, Tupã

¹⁸ Site da Prefeitura Municipal de Puerto Iguazú - AR: <https://www.iguazu.gob.ar/historia/>. Acesso em 25/10/2019.

Mbae, Ita Poty Miri, Fortín Mbororé, em território Argentino), e parte pela presença no contexto urbano, muitas vezes marginalizada ao trabalho informal, sobretudo na venda de produtos alimentícios e artesanatos nas ruas das cidades.

O termo “Tríplice fronteira” vem tendo seu uso ampliado à denominação anteriormente utilizada “Três Fronteiras”. O conceito começou a ser utilizado para denominar a localidade após o atentado à *Asociación de Mutuales Israelitas Argentinas*, no ano de 1994 (Buenos Aires – AR), logo com a criação do *Plan de Seguridad para la Triple Frontera*, assinado por ministros representantes dos três países Argentina, Brasil e Paraguai (RABOSSI, 2011), quando foram firmados acordos de segurança.

Cabe ainda destacar que as fronteiras nacionais são constatemente objeto de ações e planos por parte dos governos, pois deste ponto de vista, representam os limites e necessitam de controles, sendo a segurança um tema de especial atenção. Apesar dos esforços institucionalizados de controle, as áreas de fronteira apresentam uma porosidade inscrita nas práticas de seus transeuntes. A noção de fronteira toma, portanto, diferentes concepções por meio das vivências experienciadas no dia a dia de seus moradores, seja nas relações de comércio, nos arranjos familiares bi ou plurinacionais, ou mesmo nos trânsitos para fins de estudo ou diversão.

Esses diferentes fluxos denotam uma multiplicidade de interações entre os atores e com o espaço, podendo abrandar as imposições de limites territoriais, levando a uma concepção mais ampliada da área. Assim, o conceito de território ultrapassa a noção da geografia física, bem como a delimitação política moderna do Estado-nação. Neste sentido, Saquet (2013) pode auxiliar a pensar de forma complexa e complementar as diferentes nuances da vida social, evitando uma separação *a priori* entre fenômeno social e fenômeno natural. Saquet busca elaborar uma

[...] abordagem territorial que considere, concomitantemente, as articulações/interações existentes entre as dimensões sociais do território, em unidade entre si e com a natureza exterior ao homem, o processo histórico e a multiescalaridade de dinâmicas territoriais (SAQUET, 2013, p.13).

Os sujeitos presentes neste ambiente e partícipes na construção das relações sociais aqui inseridas, são atravessados por categorias com aproximações a diferentes nuances de identificação. Para esse debate, problematizamos o conceito de identidade como forma de contribuir às reflexões necessárias às análises da pesquisa, que se apresentarão no capítulo 4.

Identidade é um tema inesgotável às Ciências Humanas, pois, ao mesmo tempo que parece estar de algum modo apropriado às diferentes áreas dos Estudos Sociais, continua por abrir possibilidades de novas interpretações e alargamento de sua apreensão conceitual. De forma ainda inicial, pode-se pensar a contribuição do conceito nos termos de Hall (2006), por compreender que a identidade dos sujeitos fronteiriços, como citado anteriormente, não se apresenta de modo unificado, e sim perceber que está composta por diferentes identidades, um compósito da pós-modernidade que vai além de sua inscrição nacional de brasileiro, argentino ou paraguaio. Ainda acerca da identidade que aqui comenta-se, podemos pontuá-la como “algo não-estável, algo que não é nem um atributo, nem um objeto que um indivíduo possua ou algo que possa ser considerado uma posse” (KRUG & HORST, 2015, p. 178), complexa também na sua construção por ser compreendida como um “processo individual e coletivo de semiose, de produção de significado e de sentido” (*Ibid*).

Para Hall (2006), as condições postas pela agenda pós-moderna fragmentam “as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade” que antes forneciam “sólidas localizações como indivíduos sociais” (*Ibid*, p. 09). A concepção de sujeito pós-moderno levantada por Hall possibilita a percepção identitária dos indivíduos, e dos grupos, de modo mais fluido, uma vez que estão constantemente atravessadas por diferentes influências e sistemas linguísticos, culturais, econômicos e políticos.

Todas essas nuances, não estão postas de forma imutável e rígida, e está envolvida por um processo social de composição, como pontua Silva (2000)

A identidade tem que ser ativamente produzida. Ela não é uma criatura do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que a fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. (*Ibid*, p. 76)

Silva ainda comenta sobre a relação entre identidade e diferença, entendendo que “onde existe diferenciação - ou seja, identidade e diferença- aí

está presente o poder”. Para o autor, a diferenciação é “o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas” (*Ibid*, 2000, p. 81). É pela diferenciação então que, tendo a identidade afirmada, são possíveis “operações de incluir e de excluir” dos indivíduos e grupos sociais (*Ibid*, p. 82).

Ao se problematizar o contexto da presente pesquisa as categorias nacionais, talvez pela particularidade do território – estar circunscrito em uma região de fronteira – possam ser elencadas como marcadores identitários primordiais do local de fala no movimento da pesquisa, porém fica evidente a pluralidade dos elementos presentes, esclarecendo que as identidades dos sujeitos são atravessadas e sobrepostas por outras categorias de pertencimento dos grupos que interagem nos espaços urbanos. Assim, as identidades pulsantes e inscritas por meio da PL analisada nesta pesquisa não se caracterizam como essencializadas, mas sim parte de um processo plural e em constante transformação. Denotam a noção de pertencimento aproximada a outras questões que não a nacional, como às ligadas aos feminismos, às noções de blocos regionais (América Latina) e outras entradas políticas inseridas nos contextos à época da seleção das manifestações linguísticas que compuseram o escopo deste trabalho.

3 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

*“[...] caminante no hay camino
Se hace camino al andar [...]”
J.M. Serrat*

A pesquisa aqui apresentada, proveniente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade, Cultura e Fronteiras, propõe-se à análise da percepção das formas de expressão linguística performadas a partir das manifestações encontradas no espaço público de Foz do Iguaçu e caracteriza-se como pesquisa interdisciplinar de caráter qualitativo em Paisagem Linguística.

Em tempos em que a superespecialização advinda da ciência moderna se mostra em crise por não mais contemplar a produção de conhecimento significativo para a melhoria das relações sociais que se estabelecem na atualidade, a interdisciplinaridade se apresenta como um novo olhar sobre o modelo de ciência cartesiano, propondo, a partir da convergência de perspectivas, um giro epistemológico fundamental.

Pensando pesquisas de cunho social, tal qual a que aqui se apresenta, como desveladoras de questões controversas da sociedade, entende-se que a interdisciplinaridade, conforme enuncia Leis (2011, p. 117), “procuraria responder perguntas que envolvem tanto a realidade objetiva como a subjetiva”. Para tanto, faz-se necessária a superação disciplinar de forma a relacionar os achados da pesquisa social às áreas de conhecimento circundantes, como forma de superar o possível reducionismo da superespecialização, buscando o alcance de um quadro de análise mais integralizado.

Dado o panorama de pesquisa aqui apresentado, concorda-se com Pombo (2008, p. 15) que, ao verificar que a “interdisciplinaridade é um conceito que invocamos sempre que nos defrontamos com os limites do nosso território de conhecimento”, infere-se que a superação disciplinar e a incursão sobre outros saberes hão de ser o desafio desta e de outras pesquisa de caráter interdisciplinar – desafio este que poderá possibilitar fecundos construtos para o conhecimento científico.

Neste sentido, faz-se importante conceber, conforme Raynaut e Zanon (2011), o objetivo que se busca a partir da pesquisa interdisciplinar, pois será

partindo da clareza dessa concepção que a pesquisa se construirá metodologicamente.

No que concerne à utilização de métodos de dados visuais, como no caso desta pesquisa, as fotografias, essas ‘possibilitam novas formas de documentação do aspecto visual dos ambientes e das práticas sociais, bem como a integração destes como parte da pesquisa’ (FLICK, 2008, p.229).

Para Flick (2008), as imagens fotográficas, assim como as mídias de vídeo ou gravações em forma de filmes, convertem-se em objetos de pesquisa, passíveis de análise que podem vir a responder um determinado problema de pesquisa. Para o autor,

Esses materiais, bem como essas mídias, podem ser integrados em estratégias de pesquisa mais abrangentes, como na combinação com entrevistas ou no contexto da etnografia. Vistos desta forma, os métodos de dados visuais complementam os métodos de dados verbais e aprimoram a pesquisa multifocal abrangente (FLICK, 2008, p.228).

Ao tratar a metodologia utilizada nas pesquisas em PL, Gorter (2006) afirma que as pesquisas em PL ainda se encontram em desenvolvimento, possibilitando que os percursos metodológicos a serem trilhados a cada pesquisa sejam novos. De qualquer modo, o princípio das pesquisas em PL se dá a partir da delimitação da área a qual pretende-se analisar, seguindo das tomadas fotográficas dos elementos constituintes da PL que se desejam tomar para análise.

A partir das imagens fotografadas, seleciona-se a amostragem, que pode se dar pela escolha da presença ou ausência de certas línguas ou manifestações linguísticas, como no caso deste estudo. Como sequência, conforme explica Gorter (2006), faz-se necessária a “categorização desses sinais”, diferenciando os sinais oficiais (*top-down signs*) e os não oficiais (*bottom-up signs*) – enquanto os primeiros se referem às placas de trânsito, propagandas em outdoors, letreiros dos estabelecimentos comerciais, os segundos se referem às manifestações linguísticas, expressões artísticas impressas nos muros, como o grafite, a pichação, entre outras formas de expressão insurgentes.

Expandindo a abordagem metodológica para os estudos em PL, o linguista David Malinowski (2009) aconselha que os estudos extravasem a

análise quantitativa das imagens fotográficas extraídas da paisagem e venham a considerar a “autoria” dos elementos da PL, possibilitando assim pensar a questão da motivação do sujeito agente sobre a paisagem, atentando-se ao significado simbólico das manifestações linguísticas.

Diante dessas considerações, passamos às seções seguintes, em que detalhamos os procedimentos realizados para a realização deste estudo.

3.1 CAMINHOS PERCORRIDOS - DOS REGISTROS FOTOGRÁFICOS À ORGANIZAÇÃO DA MOSTRA

*“Minha vida é andar por ese país
Para ver se um día descanso feliz...”
Luiz Gonzaga*

Iniciamos a pesquisa a partir de diversas incursões pelo centro da cidade de Foz do Iguaçu – PR, com a finalidade de reconhecer e fotografar o maior número de manifestações linguísticas possível. Esse processo foi repetido por diversas vezes durante o período de junho a setembro de 2018, de modo a perceber a periodicidade com que essas manifestações eram mantidas, apagadas ou refeitas.

Dessas incursões, resultaram 56 fotografias captadas das manifestações linguísticas nos muros e paredes, preponderantemente da parte central da cidade, tendo como critério para seleção aquelas inscrições que se tratavam de frases ou ao menos palavras legíveis. Os grafites e desenhos que não continham inscrições linguísticas explícitas não foram considerados para efeito deste estudo.

Apesar desta pesquisa não estar centrada na presença de diferentes línguas observadas por meio da PL de Foz do Iguaçu, tema esse já explorado em pesquisas como as de Silva et al (2016), Berger e Elsenbach (2017), Yu (2018), observamos a presença da língua castelhada e inglesa, além da portuguesa nas manifestações fotografadas, revelando-nos o multilinguismo – entendido aqui como “a coexistência de diferentes línguas em dada sociedade

ou espaço” (BERGER, 2015, p. 72) - compondo também a PL “não oficial” da cidade.

Neste estudo, porém, nosso olhar voltou-se para o conteúdo das manifestações que, reiteradamente versavam sobre temas que estavam (e estão) em discussão corrente e que se apresentaram relevantes frente a sua repetição. Assim, as manifestações fotografadas contemplavam amplamente demandas de cunho feminista – abordando desde questões relativas ao direito ao corpo feminino, à religião em contraponto ao aborto, à manifestação contra o machismo, além de reiterados pedidos de respeito à mulher. Além dessas demandas, foram fotografadas outras manifestações de cunho político, relacionadas ao momento de crise democrática que estava em curso, além de críticas ao modo de vida contemporâneo e odes às artes.

Dado esse panorama fotográfico-textual, verificamos, porém, uma questão metodológica a ser pensada: de que maneira verificar a percepção dos observadores das imagens uma vez que elas se encontram distantes umas das outras? Entendendo que a análise de somente uma manifestação não seria capaz de demonstrar a percepção baseada no contexto mais amplo da pesquisa, precisaríamos reunir as manifestações em um local comum de observação e análise.

Para tanto, pautamo-nos nos postulados de Gomes (2013) acerca do ‘regimes de visibilidade’ que, segundo o geógrafo, são concebidos “a partir da diferença entre imagens que são extraídas do fluxo e aquelas que simplesmente compõem os quadros de nossas atividades cotidianas” (GOMES, 2013, p.51).

Para o autor, a localização de uma imagem ou uma ação é um dos fatores que pode vir a modificar seu regime de visibilidade, justificando que muitas vezes fenômenos são olhados, porém não são vistos, sendo assim necessário que mudem de lugar para que sejam percebidos em sua totalidade. Para ele, “coisas diferentes aparecem quando mudamos as posições relativas entre o observador e o observado” (GOMES, 2013, p.19).

Desse modo, realizamos a escolha de 20 imagens das manifestações, utilizando como critério de seleção as manifestações que eram mais recorrentes em termos de conteúdo, imprimindo-as na sequência em tamanho 80cm X 60 cm, com a finalidade de expô-las conjuntamente em um local de grande circulação de pessoas.

Adotamos esse procedimento para que fosse possível a aplicação de questionário com o objetivo de apreender a percepção dos respondentes acerca das fotografias expostas e, por conseguinte, das manifestações linguísticas daquela PL, alterando assim as condições de visibilidade dessas manifestações e, ao mesmo tempo, lhes conferindo destaque a partir de sua exposição.

Escolhemos assim o evento 'Primavera Universitária 2018', idealizado pelo diretor de campus Prof. Dr. Fernando Martins, em sua então 3ª edição, realizado no campus da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (doravante Unioeste), em Foz do Iguaçu, como local para a exposição das fotografias. Este evento de celebração, que propõe marcar o início da nova estação do ano a partir de atividades culturais e acadêmicas dentro do campus universitário, constitui-se em um espaço de circulação diversa composta por estudantes, professores, funcionários da instituição, assim como membros externos da comunidade acadêmica que lá circulavam por conta das palestras, oficinas e demais atividades culturais que estavam em curso.

Imagem 1 – Cartaz de divulgação do evento Primavera Universitária 2018.



Fonte: Site UNIOESTE/2018.

Entendemos, contudo, que o fato da exposição e coleta de dados a partir de questionários ocorrer em um ambiente universitário, constitui um público dirigido que deve constar como parâmetro para nossa análise. Tendo isso em vista, procedemos com a divulgação da mostra fotográfica à comunidade acadêmica por meio dos veículos de rede social a partir do cartaz/convite apresentado abaixo:

Imagem 2 – Cartaz/Convite à mostra fotográfica



Fonte: Arquivo pessoal da autora/2018.

Procedemos, então, a elaboração do questionário a ser aplicado na mostra, tendo como objetivo avaliar a percepção dos passantes acerca do caráter das manifestações, conforme será detalhado na próxima seção.

3.2 DA COMPOSIÇÃO À APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS

“Há muitas coisas, muitas pessoas e fenômenos que olhamos, mas não vemos. É preciso, às vezes, que elas mudem de lugar para que sejam vistas”.

Paulo César Gomes

Inicialmente, separamos as 20 (vinte) fotografias impressas em 5 (cinco) grupos de 4 (quatro) unidades fotográficas. Esses grupos obedeceram ao critério de semelhança de conteúdo e foram identificados tanto no questionário quanto na exposição fotográfica como grupos A, B, C, D e E. Cada grupo era composto pelas fotografias nomeadas de 1 a 4, como exemplo, o grupo A era composto pelas imagens A1, A2, A3 e A4, e assim sucessivamente.

O questionário aplicado foi composto de 13 questões, entre questões fechadas e abertas e levou, em média, 8 minutos para ser respondido completamente. As questões buscaram levantar desde a percepção da PL propriamente dita, ou seja, onde estariam as frases que mais chamariam a atenção dos respondentes no ambiente da cidade; se aquelas imagens fotográficas apresentadas já haviam sido vistas nas ruas e ainda, se o conteúdo das mesmas havia impactado o observador de alguma forma, conforme os exemplos das questões 2, 3, 4 e 5 que se apresentam na sequência nas ilustrações 1, 2 e 3, respectivamente¹⁹:

Ilustração 1 – Exemplo de questão contida no questionário aplicado.

2. No ambiente da cidade, onde estão as frases que mais chamam sua atenção?	
☐	Outdoors / Placas de anúncios
☐	Cartazes
☐	Panfletos
☐	Muros e paredes
☐	Outro: _____ .

¹⁹ O questionário completo encontra-se no Apêndice 1.

A formulação da questão acima ocorreu com o objetivo de verificar em que espaço de visibilidade a linguagem é mais frequentemente percebida na paisagem urbana, assim como apreender se os respondentes direcionavam atenção às manifestações dos muros e paredes, legitimando-as como objeto de mobilização de sentido. Ainda, na opção “Outro”, esperou-se contemplar outros espaços de visibilidade da PL que não fossem ainda observados pelas pesquisadoras.

Ilustração 2 – Exemplo de questões contidas no questionário aplicado.

3.Você já tinha visto algumas das imagens dessa mostra nas ruas do centro?	
☐ Sim	☐ Não
4. Em caso positivo, quando você viu a(s) imagem(s), você leu o conteúdo?	
☐	Sim, eu li.
☐	Não, eu não li.
☐	Não tinha visto essas imagens antes.

Já as questões acima tencionaram aferir se as manifestações linguísticas em muros e paredes, especificamente, eram notadas pelos respondentes em suas incursões pelo centro da cidade onde as frases das imagens fotográficas estavam dispostas e, em caso positivo de observância, se seu conteúdo era considerado.

Ilustração 3 – Exemplo de questão contida no questionário aplicado.

5. Caso você tenha lido, esse conteúdo te impactou de alguma forma? Por quê?

A questão aberta acima teve por objetivo compreender de que maneira os respondentes que estavam atentos às manifestações apresentadas se relacionam com o conteúdo das mesmas, de modo a apreender se a tendência seria majoritariamente de repulsa ao conteúdo, uma vez que esse se apresentaria em um espaço não normalizado de exibição linguística, ou, ao contrário, se a tendência seria de empatia àquelas demandas.

Na próxima ilustração, trazemos a questão que versava sobre a opinião dos respondentes acerca da motivação dos autores em escrever nos muros, conforme abaixo:

Ilustração 4 – Exemplo de questão contida no questionário aplicado

6. Na sua opinião, por que as pessoas escrevem nos muros?	
☐	Por vontade de se expressar
☐	Por vandalismo
☐	Outro:

A partir da escolha das alternativas acima, buscamos mensurar se a inclinação de opiniões seria por legitimar o direito à expressão em espaços públicos de circulação ou se, contrariamente, seria por criminalizar a ação. Imaginamos que, a partir desse questionamento, poderíamos depreender qual seria o prévio conceito do respondente acerca das manifestações linguísticas não oficiais, ou seja, as não permitidas.

Na sequência, para cada imagem exposta na mostra, os respondentes associaram uma ideia do que aquela mensagem refletia. As opções fornecidas variavam entre: ‘Resistência’, ‘Um ato de coragem’, ‘Vandalismo’, ‘Afronta à justiça’, ‘Reinvidicação de um direito’ ou ainda a opção aberta ‘Outra’, onde o respondente escreveria uma alternativa que coubesse àquele contexto, conforme exemplo ilustrativo de análise das 4 (quatro) primeiras imagens a serem observadas pelos respondentes:

Ilustração 5 – Exemplo de questões contidas no questionário aplicado.

7. Na sua opinião, o que as seguintes imagens do Grupo A refletem, respectivamente:			
Imagem A1		Imagem A2	
☐	Um ato de coragem	☐	Um ato de coragem
☐	Resistência	☐	Resistência
☐	Vandalismo	☐	Vandalismo
☐	Afronta à justiça	☐	Afronta à justiça
☐	Reinvidicação de um direito	☐	Reinvidicação de um direito
☐	Outra: _____	☐	Outra: _____
Imagem A3		Imagem A4	
☐	Um ato de coragem	☐	Um ato de coragem
☐	Resistência	☐	Resistência
☐	Vandalismo	☐	Vandalismo
☐	Afronta à justiça	☐	Afronta à justiça
☐	Reinvidicação de um direito	☐	Reinvidicação de um direito
☐	Outra: _____	☐	Outra: _____

Após a sequência de questões que percorreu a análise das 20 (vinte) imagens fotográficas que compuseram a mostra, o questionário foi concluído por 2 (duas) questões que procuravam aferir se os respondentes entendiam que aquelas manifestações deveriam ser apagadas dos espaços de visibilidade urbana e, em caso positivo, qual motivo os levaria a afirmar que as imagens deveriam ser apagadas. As opções oferecidas no questionário variaram entre “Porque poluem visualmente a cidade”, “Porque eu não concordo com o que está escrito”, “Porque é ilegal escrever nos muros” ou ainda “Não acho que devem

ser apagadas” além da opção “*Outro*”, onde o(a) respondente poderia indicar uma possibilidade diferente das oferecidas.

Cabe salientar que, antes da aplicação do questionário durante a mostra, foram aplicados 5 questionários que chamamos de questionários-piloto entre colegas, de modo a verificar a possível amplitude das respostas abertas bem como o tempo de preenchimento.

Nos dias 26, 27 e 28 de setembro de 2018, durante a exposição fotográfica que intitulamos de “A Paisagem Linguística Urbana em Foz do Iguaçu: Linguagens e Identidades em Perspectiva”, obtivemos o total de 70 questionários respondidos, os quais foram transcritos integralmente para o sistema “Formulários Google”, gerando gráficos ilustrados de cada uma das 13 questões abordadas no questionário, auxiliando assim o processo de análise das respostas e diagnóstico da percepção do público respondente acerca deste fenômeno linguístico-social.

4 A PAISAGEM LINGUÍSTICA DE FOZ DO IGUAÇU – POSSIBILIDADES DE ANÁLISE E COMPREENSÃO

“What does the study of LL in its many perspectives add to our understanding of language, society and people?”²⁰
Elana Shohamy

Este estudo leva em consideração que o ambiente urbano e sua paisagem visual são compostos tanto por elementos linguísticos de maneira geral aceitos e não questionados – como as placas informativas, as fachadas comerciais, os outdoors e os demais anúncios mercantis, quanto por elementos não autorizados – como as pichações e as manifestações linguísticas.

A partir da exposição de 20 (vinte) imagens fotográficas das manifestações linguísticas extraídas da cidade de Foz do Iguaçu e da aplicação de 70 (setenta) questionários dirigidos ao público passante do evento Primavera Universitária 2018, realizada no *campus* da Unioeste, procuramos apreender de que maneira as manifestações ali expostas, inscritas em relações de resistência e poder, afetam os observadores e como estes percebem o conteúdo inscrito nas manifestações - se com empatia em relação às demandas apresentadas, podendo assim ressignificar sua experiência de “ler” a cidade e seus elementos ou se, de maneira oposta, apresentando resistência àquelas formas de manifestação, evocando o poder punitivo e coercitivo do Estado.

Entendemos que essa apreensão pôde nos revelar, além da atitude dos observadores de aprovação/desaprovação do ato de intervir linguisticamente na paisagem, a maneira pela qual esses observadores percebem a PL, assim como a maneira pela qual essa percepção contrubuiu à visibilidade de alguns grupos, revelando assim nuances de como a sociedade se relaciona com o meio urbano a partir da linguagem, o que aqui chamamos de Sociolinguística da Paisagem Urbana.

²⁰ Em português: “O que o estudo de PL em suas inúmeras perspectivas acrescenta a nossa compreensão de língua, da sociedade e das pessoas?” (tradução nossa).

4.1 AS PAREDES DA CIDADE – (RE)CONHECENDO A DIVERSIDADE LOCAL

*“Mujer bonita es la que lucha”.*²¹

Caminhar pelo centro da cidade de Foz do Iguaçu pode ser uma experiência peculiar, no sentido de que se encontram pelas ruas diversas nacionalidades. Essas diferentes nacionalidades, advindas dos países fronteiriços (Argentina e Paraguai), somadas aos incontáveis turistas vindos de todos os continentes do planeta que vem à cidade para visitar as Cataratas do Iguaçu e a grande comunidade chinesa e libanesa que vivem na cidade, trazem consigo diferentes línguas, hábitos e vestimentas.

Esse universo de diversidade se apresenta diariamente nas pessoas, no comércio e na paisagem linguística (PL) central. Placas informativas em língua inglesa, letreiros comerciais em chinês, *banners* em árabe são exemplos dessa diversidade encontrada em uma pequena amplitude de três ou quatro quadras.

Contudo, embora essa diversidade linguística esteja presente na PL da cidade, relações assimétricas entre as línguas são rapidamente percebidas quando o foco de observação são as placas oficiais do município que indicam locais turísticos, por exemplo. Nestes casos, prevalece a presença da língua inglesa, superexposta, em oposição as demais línguas faladas, ouvidas ou lidas nesta fronteira, como se observa na imagem abaixo, extraída de uma das avenidas de maior circulação da cidade:

²¹ Frase em muro no centro de Foz do Iguaçu – autoria desconhecida.

Imagem 3 – Placa informativa em português e inglês em avenida de grande circulação



Fonte: Arquivo da autora – Foto extraída da Av. Paraná, Foz do Iguaçu/ Agosto 2018.

Observa-se que a exposição da língua inglesa, língua esta comumente associada à ideia de desenvolvimento e modernidade, tenciona contemplar, infraestruturadamente, as necessidades turísticas da cidade que recebe visitantes de todos os lugares do mundo, porém entende-se que sua superexposição tem como efeito o encobrimento das demais línguas que seriam representativas dos grupos de fala que por aqui circulam, como o castelhano, o guarani, o árabe e o chinês, por exemplo, revelando as relações de poder que subjazem a estas assimetrias linguísticas.

Circunscritas a esse cenário, as manifestações linguísticas nas paredes e nos muros centrais perfazem essa PL, chamando a atenção tanto por sua

diversidade linguística - uma vez que foram observadas manifestações em língua castelhana e inglesa, além da língua portuguesa - por sua quantidade e ainda, por seu conteúdo que revela engajamento com questões sociais relevantes do ponto de vista da atualidade.

Se a diversidade linguística dos sinais oficiais da PL da cidade é escassa, nas manifestações linguísticas insurgentes, como as analisadas nesta pesquisa, esta diversidade está presente, demonstrando a democratização dos diferentes falares, ainda que em meio não autorizado.

Esta pesquisa se origina justamente da inquietude gerada a partir da observação desses elementos linguísticos na paisagem que parecem reivindicar visibilidade, na tentativa de tornarem-se partícipes da cidade a partir da paisagem urbana. Inquietude essa que nos leva a questionar de que maneira essas manifestações são percebidas pelos passantes urbanos e de que maneira as mensagens ali inscritas impactam sua maneira de vivenciar a cidade.

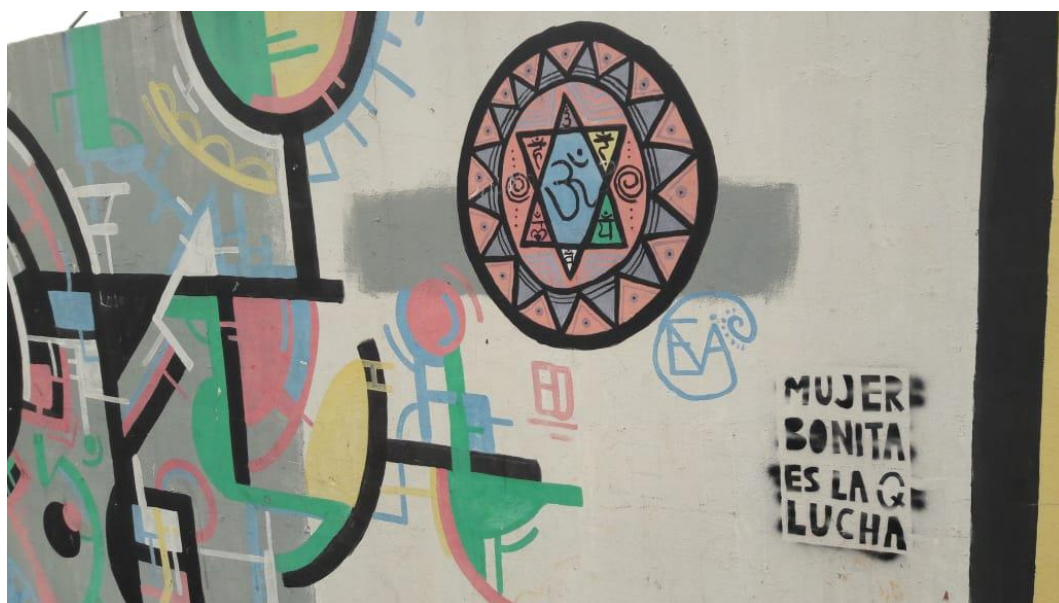
Dentre o universo de significados possíveis advindos das manifestações, os de caráter feminista e de exaltação à figura feminina foram fotografados e tornados objeto de observação na mostra fotográfica que expôs as manifestações objeto desta pesquisa, tanto por sua reincidência quanto por seu caráter de resistência frente à violência contra a mulher, como se observa nas imagens abaixo:

Imagem 4 – “America latina vai ser toda feminista”



Fonte: Arquivo da autora – Foto extraída da Av. Juscelino Kubistchek, Foz do Iguaçu/ Junho 2018.

Imagem 5 – “Mujer bonita es la que lucha”



Fonte: Arquivo da autora – Foto extraída da Av. Juscelino Kubistchek, Foz do Iguaçu/ Junho 2018.

Importante ressaltar que, como pode-se observar na imagem 5 apresentada acima, a língua castelhana está presente no corpus fotográfico das manifestações de cunho feminista, o que pode demonstrar que a questão de gênero também é central nas estruturas sociais dos países fronteiriços, de onde pode vir a autoria de tal manifestação linguística. Dessa presença se afere ainda, que a manutenção do castelhano (e não sua tradução para a língua portuguesa), sinaliza a universalidade do tema – assim como a caracterização da PL de Foz do Iguaçu como espaço de acolhimento das vozes estrangeiras.

Imagens 6 e 7 – “Tire seu rosário dos meus ovários” e “Respeita as mina”



Fonte: Arquivo da autora - Fotos extraídas da Av. Juscelino Kubistchek e Al. Rui Ferreira, respectivamente; Centro – Foz do Iguaçu/ Junho, 2018.

O cenário político vigente no primeiro e segundo semestres de 2018 também estava exposto de maneira crítica e reiterada na PL da cidade, conforme pode-se observar nas imagens abaixo, extraídas também da região central de Foz do Iguaçu:

Imagem 8 – “Foz Para! Greve Geral”



Fonte: Arquivo da autora - Foto extraída da Rua Jorge Sanwais, Centro, Foz do Iguaçu/ Junho, 2018.

Imagens 9 e 10 – “Greve Geral” e “Lula Livre”



Fonte: Arquivo da autora - Fotos extraídas de fachadas de pontos comerciais privados na Avenida Brasil, Centro, Foz do Iguaçu/ Julho, 2018.

Essas imagens também foram inseridas na mostra fotográfica, como representantes de uma temática recorrente nas manifestações linguísticas do centro da cidade, tornando-se objeto de investigação da percepção dos observadores acerca de sua existência e seu caráter, a partir das respostas ao questionário aplicado.

Dentre as demais imagens fotografadas, observam-se manifestações que se referem a assuntos religiosos e mensagens provocativas ao ato de intervir linguisticamente em uma propriedade privada, travando uma batalha entre “pixar” e pintar, conforme observamos nas imagens 11 e 12:

Imagem 11 – *“Smile Jesus loves you! Just believe it!”* – Tradução: *“Sorria Jesus te ama! Acredite nisso!”*



Fonte: Arquivo da autora - Foto extraída da Av. Juscelino Kubistchek, Centro, Foz do Iguaçu/ Agosto, 2018.

Imagem 12 – “Eu pixo vc pinta vamos ve que tem mais tinta”



Fonte: Arquivo da autora - Foto extraída da Rua Esteio, Jardim Lancaster, Foz do Iguaçu/ Agosto, 2018.

Apresentado o panorama que busca a caracterização da PL de Foz do Iguaçu no que se refere às manifestações linguísticas, buscamos, durante o processo de seleção fotográfica para exposição, basear-nos em Gomes (2013) ao pensar o atributo da visibilidade que nos auxiliaria na próxima etapa da pesquisa – a apreensão da percepção dos observadores das manifestações linguísticas em relação a sua constituição. Para o geógrafo, esse atributo é fundamental na modernidade, uma vez que as dinâmicas que influenciam a visibilidade, ou seja, tudo o que é exibido e tudo que é observado ‘deve ser reunido na compreensão da vida social’ (GOMES, 2013, p.23).

Sendo assim, a partir da mostra fotográfica, tentamos reproduzir este universo temático exposto nas manifestações linguísticas que perfazem a PL de Foz do Iguaçu. Reproduzimos a repetição temática extraída da paisagem também nos blocos fotográficos exibidos e no questionário aplicado, na tentativa de aproximar a realidade temática da PL da cidade à exibição proposta. Assim sendo, apresentamos na seção seguinte os dados e resultados obtidos acerca da percepção da PL da cidade, no que tange as manifestações linguísticas.

4.2 O OLHAR DO OBSERVADOR - A PERCEPÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES LINGUÍSTICAS A PARTIR DOS DADOS DA PESQUISA

“A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos”.
Milton Santos

Durante a mostra fotográfica, que ocorreu entre os dias 26 e 28 de setembro de 2018, foram coletados 70 (setenta) questionários²², contendo 13 (treze) perguntas, entre questões de múltipla escolha e questões abertas.

Os respondentes eram em sua maioria estudantes da instituição, servidores públicos e trabalhadores terceirizados, professores da rede municipal de ensino e demais integrantes da comunidade acadêmica que por ali circulavam por conta das atividades culturais e acadêmicas oferecidas pelo evento Primavera Universitária do *campus* da Unioeste – Foz do Iguaçu.

No mês seguinte à mostra, os questionários foram transcritos em formato digital por meio dos recursos do sistema ‘Formulários Google’, gerando gráficos que demonstram as respostas visualmente, o que nos possibilitou de maneira ágil reconhecer algumas características de nossa amostragem, como por exemplo, o fato de 62,9% de nosso grupo de respondentes serem do gênero feminino e 37,1% serem do gênero masculino. Embora esta pesquisa não esteja pautada em diferenças de atitudes baseadas em gênero, esta estatística nos revelou tanto a massiva presença feminina no *campus*, quanto a atitude observadora e pacienciosa feminina em participar de pesquisas respondendo a questionários.

Quando perguntados sobre onde estavam as frases que mais lhes chamavam a atenção no ambiente da cidade, duas respostas prevaleceram, sendo essas ‘muros e paredes’ e ‘outdoors’, o que nos revelou que as manifestações linguísticas não passam despercebidas aos observadores, muito pelo contrário, são foco dos olhares atentos que percorrem o centro da cidade. Outras possibilidades como ‘cartazes’, ‘panfletos’ e ‘faixas’ também foram selecionadas em menor grau, ressaltando que os respondentes poderiam

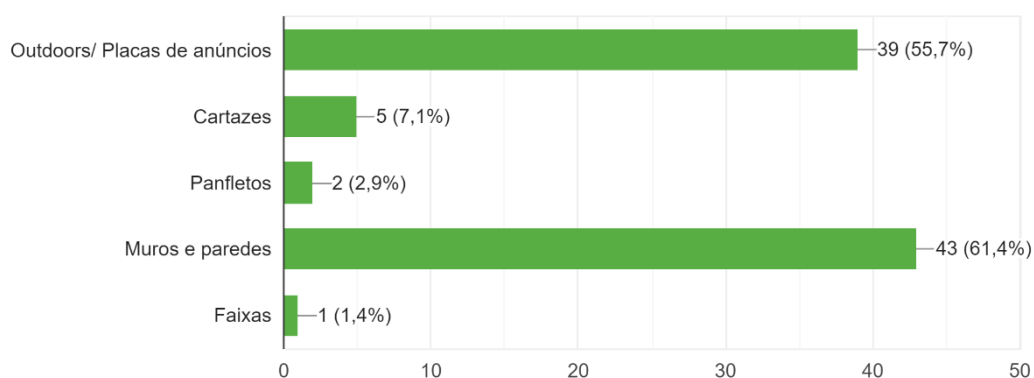
²² O modelo completo do questionário aplicado encontra-se na seção APÊNDICES – Apêndice 1.

assinalar 1 (uma) ou mais opções, como se pode observar no gráfico relativo à questão 2 (dois) do questionário:

Gráfico 1 – Respostas à questão de número 2 do questionário aplicado

2 - No ambiente da cidade, onde estão as frases que mais chamam sua atenção?

70 respostas



A questão seguinte, número 3 (três), nos confirmou o que havia sido exposto na questão anterior, ou seja, que a maioria dos respondentes não é alheia às manifestações linguísticas pois, quando perguntados se já haviam visto algumas das imagens expostas nas ruas do centro da cidade, 80% respondeu positivamente, em oposição aos 20% que desconheciam aquelas imagens, ou seja, 56 pessoas conheciam as manifestações, em oposição a 14 pessoas que as desconheciam.

Durante o período de permanência da mostra, muitos passantes apontavam para as fotografias das manifestações e confirmavam o local da cidade em que essas estavam, demonstrando assim estarem atentos a essa forma de exposição da linguagem no meio urbano.

Quando perguntados, via pergunta de número 4 do questionário, se haviam lido o conteúdo das manifestações anteriormente à mostra, ou seja, nas ruas onde as manifestações estavam, 73,5% dos participantes respondeu

positivamente, demonstrando que predominantemente há interesse por seu conteúdo.

O gráfico, gerado a partir da tabulação das 68 respostas a essa pergunta, também nos revelou quantos participantes não leram o conteúdo das manifestações (10,3%) e quantos ainda não haviam percebido essas manifestações linguísticas no ambiente da cidade (16,2%), conforme pode-se observar a seguir:

Gráfico 2 – Respostas à questão de número 4 do questionário aplicado

4 - Em caso positivo, quando você viu a(s) imagem(s), você leu o conteúdo?

68 respostas



A questão seguinte, de número 5, consistiu em uma pergunta aberta, indagando aos observadores da mostra se o conteúdo das imagens vistas nas ruas havia lhes afetado de alguma forma. Tabularam-se 50 respostas a essa pergunta, visto nem todos os respondentes terem atendido à solicitação empregada nessa questão. As respostas foram agrupadas por semelhança de conteúdo e numeradas de 1 a 10 para efeito de demonstração, respectivamente:

1. *Sim. Acho interessante observar a manifestação popular;*
2. *Sim, porque é um conteúdo político, não uma pichação desconexa.*
3. *Depende das frases. Houve algumas em assuntos políticos que impactaram, senti raiva.*

4. *Sim, me fez questionar, como mulher, o posicionamento feminista me faz me sentir apoiada, ver que outras mulheres lutam por direitos.*
5. *Sim, pois demonstra todas as resistências que temos em nossa sociedade.*
6. *Representa uma sociedade que quer falar. O que falam são de certa forma o que a sociedade não se dá devido valor.*
7. *Não muito, só li e ignorei.*
8. *Não.*
9. *Sim, pensava também sobre algumas dessas artes estarem em muros de propriedades privadas, algo que não vejo como positivo.*
10. *Imagino o contexto de quem escreveu.*

Apreendemos, a partir da tendência das respostas ter sido positiva em relação ao conteúdo das manifestações ter impactado os respondentes, que, além da linguagem expressa nos muros caracterizar-se como um atrativo estético que normalmente chama a atenção das pessoas, seu conteúdo possui relevância social, uma vez que este mobiliza em seu “leitor” os mais variados saberes e subjetividades, revelados a partir das variadas respostas, como as apresentadas acima.

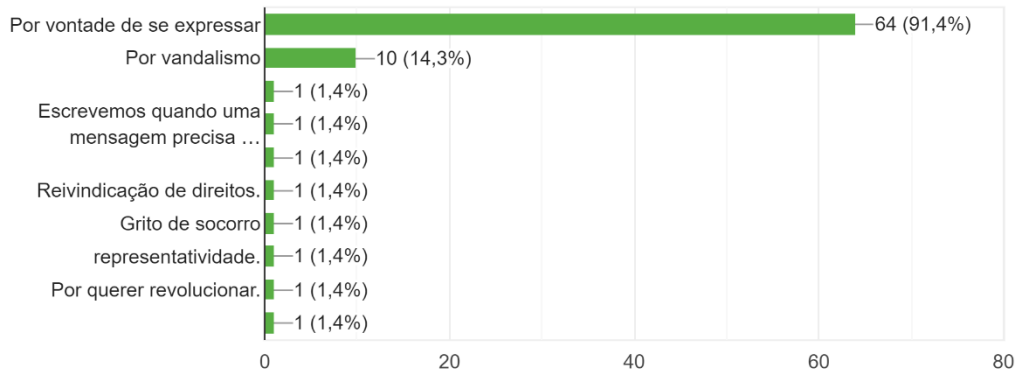
Na sequência, ao serem perguntados acerca do que motivaria as pessoas a escreverem nos muros, 91,4% dos respondentes assinaram a opção ‘Por vontade de se expressar’; 14,3% assinalaram a opção ‘Por vandalismo’ (ressaltando que o mesmo respondente poderia assinalar mais do que uma opção).

A terceira opção para esse questionamento era ‘Outro’, onde os respondentes poderiam incluir outras respostas que não somente as duas primeiras opções. Desse modo, foram também apresentadas as opções: ‘Grito de socorro’, ‘Reivindicação de direitos’, ‘Representatividade’, ‘Por querer revolucionar’, conforme observa-se abaixo:

Gráfico 3 – Respostas à questão de número 6 do questionário aplicado

6 - Na sua opinião, por que as pessoas escrevem nos muros?

70 respostas



As respostas a essa pergunta foram relevantes para que depreendêssemos que, majoritariamente, os observadores das manifestações legitimam o ato de intervir linguisticamente na paisagem, embora contradições apareçam em relação ao desejo por apagamento das mesmas por estarem em propriedade privada, como veremos ao final das análises.

A parte seguinte do questionário, composta das questões de 7 a 11, foi constituída de perguntas acerca da percepção dos observadores sobre cada uma das imagens da mostra. Como já citado anteriormente, porém agora de maneira mais detalhada, as 20 (vinte) fotografias das manifestações linguísticas foram divididas em 5 (cinco) grupos: A, B, C, D e E.

Essa divisão foi realizada tendo como base a aproximação do conteúdo das manifestações. Sendo assim, cada grupo definido pelas letras A, B, C, D e E foi composto de 4 (quatro) imagens, nomeadas, como por exemplo, A1, A2, A3, A4, B1, B2, B3, B4 e assim sucessivamente até a imagem E4, conforme ilustrado pela fotografia abaixo:

Imagem 13– Exemplo da numeração fotográfica da mostra – B3 e B4



Fonte: Arquivo da autora – Foto extraída da Mostra/ Setembro, 2018.

Para cada uma das imagens, foi solicitado que o respondente do questionário indicasse sua avaliação sobre o que refletia cada conteúdo ou mensagem, assinalando uma ou mais opções dadas. Para as 20 (vinte) imagens, as opções foram, conforme abaixo:

Ilustração 6 – Exemplo de questão contida no questionário aplicado

Imagem C3 (por exemplo)

☐	Um ato de coragem
☐	Resistência
☐	Vandalismo
☐	Afronta à justiça
☐	Reivindicação de um direito
☐	Outra: _____

O primeiro grupo foi composto de imagens que traziam frases de cunho feminista, sendo a imagem A1 composta pela frase “*América Latina vai ser toda feminista*”, a imagem A2 trazendo a inscrição “*Mujer bonita es la que lucha*”, a Imagem A3 mostrando “*Todo mês deve ser rosa*” e, por fim, a imagem A4 composta por “*Tire seu rosário dos meus ovários*”.

Para efeito de demonstração e análise dos dados obtidos a partir dos questionários, optamos por apontar a opção mais assinalada e a menos assinalada pelos respondentes, de modo a apontar as tendências pelos extremos indicados, lembrando que os participantes poderiam assinalar uma ou mais opções para cada imagem.

Sendo assim, a opção assinalada pela maioria dos respondentes para a imagem A1 – “*América Latina vai ser toda feminista*”, foi ‘Reivindicação de um direito’, escolhida por 45 dos 70 participantes respondentes do questionário, nos permitindo apreender a tendência positiva de mobilização de sentido acerca das demandas de valorização e empoderamento da mulher neste espaço de pesquisa.

A opção que demonstrou menor adesão foi ‘Vandalismo’, escolhida por apenas 3 participantes. Cabe aqui ressaltar que os três questionários que continham essa opção para a imagem A1 foram respondidos por participantes

do gênero masculino – o que pode nos demonstrar que este gênero tende a apresentar maior resistência à temática da imagem.

Já para a imagem A2, que trazia a frase em língua castelhana “*Mujer bonita es la que lucha*”, contabilizamos o total de 40 respostas indicando a opção ‘Resistência’, sendo esta a mais escolhida, contra a opção ‘Afronta à justiça’, que foi opção de apenas 1 (um) respondente. Entendemos que, embora a frase estivesse em língua castelhana, a intercompreensão – fenômeno linguístico recorrente nesta cidade fronteiriça, permitiu que seu conteúdo fosse compreendido pelos respondentes do questionário. Assim, compreendemos que a opção mais escolhida demonstrou empatia à necessidade de embate feminino frente às dificuldades impostas por uma sociedade ainda patriarcal.

A imagem A3, que traz a inscrição “*Todo mês deve ser rosa*”, foi assinalada por 50 participantes como ‘Reivindicação de um direito’, ao passo que as opções ‘Afronta à justiça’ e ‘Vandalismo’ contaram ambas com 2 assinaladas. Entendemos que, devido ao fato de o conteúdo da intervenção estar intimamente relacionado às campanhas de prevenção do câncer de mama – conforme pode-se observar na imagem abaixo, a tendência das respostas foi de reafirmar seu conteúdo, demonstrando que as manifestações linguísticas são efetivas ao desempenhar papel informativo de interesse de saúde pública.

Imagem 14 – “*Todo mês deve ser rosa*”



Fonte: Arquivo da autora - Foto extraída da Av. Juscelino Kubistchek, Centro, Foz do Iguaçu/ Agosto, 2018.

A última imagem agrupada pelo tema feminista, A4, que trazia a mensagem “*Tire seu rosário dos meus ovários*”, apresentou 30 escolhas pela opção ‘Resistência’ e 7 escolhas pela opção ‘Vandalismo’. Apreendemos assim que, diferentemente da imagem anterior (A3), a imagem A4 não apontou uma tendência majoritária de escolha que demonstrasse empatia ao tema do aborto, uma vez que conforme mencionado acima, menos de 50% dos respondentes optaram por respostas que indicassem aprovação ao seu conteúdo, como por exemplo as opções “Reivindicação de um direito” ou “Um ato de coragem”.

Entendemos a partir das respostas analisadas, que o fato da manifestação mencionar em seu conteúdo um totem religioso cristão como o “rosário” pode ter influenciado as respostas, que entraram em contradição quando comparadas à tendência empática ao feminismo observado nas avaliações das imagens acima.

O grupo B, diferentemente dos grupos A, D e E, foi composto por 4 (quatro) imagens diferentes, porém que continham o mesmo conteúdo linguístico: “*Respeita as mina*”. A opção por apresentar quatro imagens contendo a mesma frase na mostra fotográfica ocorreu pela tentativa de reproduzir a repetição observada na PL de Foz do Iguaçu, onde a frase “*Respeita as mina*” foi encontrada em grande número em diferentes localidades do centro da cidade, algumas associadas a desenhos e outras somente a texto, como observamos nas imagens abaixo:

Imagem 15 e Imagem 16 – Intervenções contendo a frase “*Respeita as mina*”



Fonte: Arquivo da autora - A imagem 15, à esquerda, foi extraída de um muro da Avenida Brasil; já a imagem 16, à direita, foi retirada de um muro na Avenida Juscelino Kubistchek; Foz do Iguaçu – PR/Junho, 2018.

Sendo assim, para as imagens B1, B2, B3 e B4 houve apenas uma pergunta, a qual obteve maior número de marcações a opção que propunha que aquelas imagens refletiam a ‘Reivindicação de um direito’, contando com 50 indicações dos respondentes, em oposição às 4 indicações de que aquelas imagens refletiam ‘Vandalismo’ e outras 4 indicando que as imagens se tratavam de ‘Afronta à justiça’. Assim, apreendemos mais uma vez que a tendência majoritária é de empatia pelo tema de respeito às mulheres, o que entendemos também dever-se ao fato das manifestações do grupo B não terem tratado de temas polêmicos – a exemplo do tema de aborto, conforme já apresentado.

De maneira semelhante ao grupo B, as imagens que perfizeram o grupo C continham 2 repetições de frases, também mantidas de maneira a aproximar os elementos da mostra fotográfica ao conteúdo comumente encontrado na PL da cidade, no que tange às manifestações linguísticas. Portanto, o grupo C continha 4 imagens das quais duas exibiam o conteúdo “*Vivas nos queremos*” – imagens C1 e C2 e duas exibiam a frase “*O machismo mata*” – imagens C3 e C4. As manifestações pertencentes a esse grupo foram agrupadas por integralmente tratarem do mesmo tema: o feminicídio.

Para as duas primeiras obtivemos 38 marcações indicando que seu conteúdo se tratava de uma ‘Reivindicação de um direito’, enquanto 2 marcações as apontavam como tratando-se de ‘Vandalismo’. Já para a terceira e quarta manifestações, ‘Resistência’ foi a opção mais escolhida, com 39 marcações, enquanto a opção de menor escolha dos participantes foi novamente ‘Vandalismo’, indicada por 2 dos 70 respondentes. Sendo assim, mais uma vez, as respostas nos permitiram a observância de que o conteúdo das manifestações pode mobilizar sentidos e saberes do público que as observa e que esse público não está alheio às demandas apresentadas nesse “gênero textual” urbano que são as manifestações linguísticas.

Seguindo a apresentação e análise de dados obtidos a partir da mostra fotográfica, chegamos ao grupo D, grupo este que contém manifestações que dizem respeito ao momento político dos últimos anos, uma vez que as frases observadas nas imagens fotográficas são, respectivamente, “*Foz para! Greve Geral!*” – Imagem D1; “*Greve Geral!*” – Imagem D2; “*Não vai ter golpe*” – Imagem D3 e, por fim, “*Lula Livre!*” – Imagem D4.

Para a imagem exposta em D1, “*Foz para! Greve Geral*”, foi observado o total de 38 participantes que indicaram que aquela mensagem se tratava de ‘Reivindicação de um direito’ em oposição a 8 respondentes que assinalaram a opção ‘Um ato de coragem’. Já para a imagem seguinte, D2, “*Greve Geral*”, 31 pessoas escolheram a opção ‘Reivindicação de um direito’, enquanto 13 participantes assinalaram ‘Um ato de coragem’ como sendo a melhor alternativa para definir aquela imagem. O fato das respostas a essas imagens terem demonstrado certo grau de empatia e legitimação de seu conteúdo – visto tanto as respostas mais recorrentes quanto as menos recorrentes serem de aprovação ao direito à greve, nos trouxe a ponderação de que o público observador da mostra que aconteceu em um ambiente universitário público, pode possuir uma avaliação diferenciada aos temas sindicais e classistas – o que demandaria uma nova mostra com novo público, em um *lócus* diferenciado para efeito de aferição e comparação dos resultados.

Quanto à imagem que trazia a mensagem “*Não vai ter golpe*”, 33 participantes assinalaram a opção ‘Resistência’ como sendo a melhor definição para aquele ato, enquanto 10 participantes optaram por assinalar ‘Vandalismo’ como definidor daquela ação. A imagem seguinte, nomeada D4, que trazia a inscrição “*Lula Livre*”, obteve 29 marcações indicando que aquela frase se referia à ‘Resistência’, da mesma forma 29 marcações indicaram que o conteúdo daquela imagem compreendia uma ‘Afronta à justiça’. Para essa frase, ainda, 8 respondentes assinalaram a opção ‘Um ato de coragem’.

No caso desta última imagem, D4, observamos o maior embate de avaliações contrárias dividindo as respostas em porcentagens iguais, o que, de certa forma demonstra em nível micro o resultado das eleições presidenciais de 2018 no Brasil, onde observou-se a divisão da população entre o candidato da esquerda progressista (PT) e o candidato da direita ultraconservadora (PSL).

Por fim, o grupo de imagens E – que possuiu o caráter mais heterogêneo em conteúdo quando comparado aos demais grupos de imagens, também foi observado. Sua primeira imagem trazia a frase “*Sem poesia não existe cidade*”, que recebeu 23 indicações de tratar-se de ‘Um ato de coragem’ e outras 23 indicações de que se trata de um ato de ‘Resistência’, em contraponto às 2 indicações que consideraram essa intervenção como ‘Vandalismo’. Apreendemos aqui que temas voltados à cultura ou às artes tem pequena

resistência dos observadores, o que nos possibilita afirmar que a legitimidade do ato de manifestar-se linguisticamente a partir da paisagem está relacionado ao conteúdo exposto, muito mais do que a intervenção em si.

Para a imagem nomeada E2, que trazia a mensagem “*Ninguém fala ninguém ouve*”, 24 participantes assinalaram a opção ‘Resistência’ como definidora daquela imagem, assim como 10 respondentes assinalaram a opção ‘Afronta à justiça’ e outros 10 assinalaram como ‘Vandalismo’.

Já a imagem E3, que trazia a inscrição “*Eu pinto você pinta vamo vê que tem mais tinta*”, apresentou uma tendência de avaliação contrária às demais 19 imagens, uma vez que 41 participantes indicaram tratar-se de ‘Vandalismo’, assim como 4 respondentes indicaram a opção ‘Reivindicação de um direito’ como a opção apropriada para definir aquela manifestação. Essa aferição das respostas nos possibilitou confirmar o que já havíamos atestado nas análises acima, no sentido de que a legitimidade das manifestações linguísticas está associada ao seu conteúdo, uma vez que conteúdos de temática cultural, por exemplo, tem aceitação dos observadores, já conteúdos provocativos ou polêmicos acionam o bloqueio e a resistência dos que os observam.

Finalmente, para a manifestação nomeada E4, que trazia a frase em língua inglesa “*Smile, Jesus loves you! Just believe it!*”, 25 participantes apontaram com ‘Um ato de coragem’ em oposição a 3 respondentes que assinalaram a opção ‘Afronta à justiça’, mais uma vez reiterando nosso argumento acerca da aceitação da manifestação via seu conteúdo.

A última parte do questionário, formada pelas questões de número 12 e 13, indagava os participantes se, em sua opinião, algumas daquelas frases deveriam ser apagadas. Para essa pergunta, houve um total de 64 respostas, onde 39,1% dessas inserções foi de que as imagens ‘não’ deveriam ser apagadas. Os demais respondentes indicaram algumas imagens que, em sua opinião, deveriam ser apagadas dos muros, prevalecendo as opções E3 (“*Eu pinto você pinta vamo vê que tem mais tinta*”) e D4 (“*Lula Livre*”) como as mais indicadas ao apagamento. Ou seja, deveriam, predominantemente, ser apagadas, aquelas imagens cujo conteúdo se demonstrou menos aceito pelos observadores – o que nos possibilita afirmar que o filtro de caracterização e legitimidade do ato de escrever em muros depende da aceitação de seu

conteúdo. Grosso modo, aceita-se a manifestação contanto que se concorde com seu conteúdo. Do contrário, as manifestações devem ser apagadas.

Por fim, na última questão, quando perguntados por que razão algumas imagens deveriam ser apagadas, os respondentes obtinham as opções conforme ilustração abaixo:

Ilustração 7 – Exemplo de questão contida no questionário aplicado

13. Se sim, por que razão você acha que essas frases devem ser apagadas?	
☐	Porque poluem visualmente a cidade.
☐	Porque eu não concordo com o que está escrito.
☐	Porque é ilegal escrever nos muros.
☐	Não acho que devem ser apagadas.
☐	Outro: _____.

Como resultado, houve um total de 57 inserções de resposta a essa pergunta, onde 13 participantes responderam ‘Porque poluem visualmente a cidade’, 12 participantes indicaram a resposta ‘Porque eu não concordo com o que está escrito’, 4 participantes responderam ‘Porque é ilegal escrever nos muros’. Os demais respondentes proveram respostas abertas, como seguem em dez exemplos de resposta que foram recorrentes:

1. *Porque danifica uma propriedade privada;*
2. *Propriedade alheia, não público;*
3. *Discordo de pichações onde não há permissão;*
4. *Acho sem necessidade;*
5. *Porque estão escritas em estabelecimentos privados;*
6. *Só as que estão em estabelecimentos privados;*
7. *Porque não é de uso público;*

8. *Querem pregar sua ideologia nos muros;*
9. *O local onde foi feito a E3²³;*
10. *Por estarem em muros e portões particulares.*

Observamos nas respostas abertas a tendência em apontar a proteção à propriedade privada que, nesse caso, deve ser salvaguardada independente do conteúdo da manifestação que a imprime.

Dado o exposto, a análise qualitativa aqui apresentada destinou-se a investigar de que maneira um grupo de observadores urbanos percebeu a paisagem linguística da cidade de Foz do Iguaçu, PR, no que se refere às manifestações linguísticas que compõem o cenário urbano. A análise dos dados obtidos nos possibilitou apreender de que forma a percepção dessas manifestações pode contribuir à visibilidade das demandas expressas neste espaço de pesquisa e de que forma essa percepção pode funcionar como uma representação simbólica desse meio urbano fronteiriço, conforme apresentaremos na seção a seguir.

4.3 A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM LINGUÍSTICA COMO REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA DA CIDADE

*“O poder deve ser analisado como algo
que circula, ou melhor, como algo que só
funciona em cadeia”.
Michel Foucault*

As paredes da cidade falam, de fato. Bastava-nos compreender se elas eram ouvidas e de que maneira eram percebidas enquanto parte integrante do espaço urbano.

Em um primeiro momento, ao fixar o olhar aos elementos que compõem a PL oficial da cidade, como placas de trânsito, outdoors, *banners* e letreiros comerciais que nos penetram a visão deliberada e legitimamente por estarem inscritos em relações econômicas, é possível conceber que estes se inscrevem

²³ Nota: O respondente refere-se aqui a um muro de uma residência.

em relações de poder que se manifestam perante a superexposição de determinadas línguas e, por conseguinte, ao encobrimento de outras.

Essas relações de assimetria linguística atendem à agenda do Estado, que pode manifestar o prestígio ou desprestígio de línguas (e grupos de fala) a partir de políticas linguísticas verticais, que instituem a normalização tanto de presenças quanto de ausências linguísticas naquela paisagem urbana.

Já ao fixar o olhar às formas não oficiais e assim, não permitidas, de impressão (e expressão) de elementos na paisagem, como as manifestações linguísticas, foco de análise desta pesquisa, identificamos o movimento oposto. Se naquelas há a deliberação vertical do Estado, nestas há a insurgência de grupos que imprimem suas demandas no mesmo espaço urbano, tencionando democratizar a linguagem e visibilizar demandas a partir da paisagem.

Como duas forças opostas, imbricadas em relações de poder – uma vertical, do Estado – outra circulante, dos atores sociais que se manifestam tanto ao escrever nos muros da cidade, quanto ao observar essas manifestações, atribuindo-lhes juízo de valor, seus elementos perfazem a PL, que ao nosso entendimento vai tornando-se palco do embate dos extremos: imposição *versus* resistência, sendo o Estado (e a subversão a ele) ‘um princípio de produção, de representação legítima do mundo social’ (BOURDIEU, 2014, p.31). Sendo assim, como resultado desse conflito entre extremos, delimitam-se as relações do ‘mundo social’ (Ibid, p.31), uma vez que, segundo Bourdieu

[...]para que o próprio conflito sobre o mundo social seja possível, é preciso haver uma espécie de acordo sobre os terrenos de desacordo e sobre os modos de expressão do desacordo (BOURDIEU, 2014, p.31).

A assimilação desse ‘desacordo’ representado pelo embate de forças que se estabelece a partir do uso da língua no espaço urbano torna-se indispensável para que seja possível apreender a percepção da PL no que se refere às manifestações linguísticas, cerne desta pesquisa, pois, ao compreender que o poder se exerce por meio de todos os sujeitos, reunimos elementos fundamentais às análises do que chamamos aqui de ‘Sociolinguística da Paisagem Urbana’.

A partir dessas análises pudemos apreender como esses fenômenos que conformam a PL de Foz do Iguaçu podem revelar-se como uma representação simbólica da cidade, uma vez que toda PL ‘oferece um rico domínio da “vida real”, da língua autêntica em seus usos vigorosos e dinâmicos’ (SHOHAMY, 2009, p.3, tradução nossa)²⁴ e, por conseguinte, simbolizam esta fronteira indissociável que relaciona, seja por relações linguísticas, econômicas ou sociais, Brasil, Paraguai e Argentina, em virtude da PL caracterizar-se como instrumento que ‘contextualiza o espaço público em questões de identidade e política linguística das nações, assim como conflitos políticos e sociais’ (*Ibid*, p.4, tradução nossa)²⁵.

Os dados da pesquisa que buscaram compreender a percepção dos observadores das manifestações linguísticas da PL, nos revelaram por onde passa o poder que institui o que deve ser exposto e o que deve ser apagado no meio urbano. Compreendemos que essas determinações estão majoritariamente relacionadas ao conteúdo das manifestações que pode satisfazer o observador, independentemente do local onde este está contido.

Depreendemos então que, se o conteúdo da manifestação não contemplar o entendimento de mundo e das relações sociais do observador, o poder coercitivo do Estado será evocado, ao serem as manifestações relacionadas a vandalismo e afronta à justiça, constituindo ainda um ultraje à propriedade privada. Ou seja, o caráter das manifestações está necessariamente relacionado ao seu conteúdo e o filtro do que é passível de empatia é pessoal, embora possa coincidir com o resultado do grupo.

Assim, observamos as contradições²⁶ dos sujeitos que, ora legitimavam o ato de manifestar-se por meio dos muros e paredes, ora acionavam o discurso coercitivo do Estado que julga a legalidade ou ilegalidade dos atos. Apreendemos também, a partir da análise de dados, que as manifestações

²⁴ LL therefore offers a rich domain of “real life”, authentic language in very dynamic and energetic uses. (SHOHAMY, 2009, p.3)

²⁵ it contextualizes the public space within issues of identity and language policy of nations, political and social conflicts. (SHOHAMY, 2009, p.4)

²⁶ Compreendemos aqui, consoante a hipótese de Zoppi-Fontana, o conceito de “contradição” como o sinal de desestabilização ‘presente no interdiscurso específico dos enunciados, entre: espaços de identificação socialmente estruturados e legitimados a partir de posições de sujeito com dominância no interdiscurso e a emergência de novas articulações/ reacomodações entre posições de sujeito, produzindo um deslocamento/ movimento dos processos de identificação a partir de mudanças nas condições de produção do discurso’. (ZOPPI-FONTANA, 2003, p.264)

linguísticas constituem espaço relevante de mobilização de sentido, dada a observância de sua existência e consideração de seu conteúdo pelos observadores – as paredes falam e, de fato, são ouvidas. E, por serem então “ouvidas”, exercem um relevante papel nas relações socio-comunicativas que são estabelecidas a partir da paisagem urbana, tendo em vista que, para Foucault (1995, p.240), o ato de comunicar é ‘sempre uma certa forma de agir sobre o outro ou os outros’. Pare ele, a disseminação de um sistema de signos ou demais formas simbólicas pode ter efeitos de poder como objetivo ou como consequência (*Ibid*, 1995).

Portanto, o ato de manifestar-se a partir da paisagem e a percepção dessas manifestações se estabelecem como formas de exercício do poder que representam tanto a insurgência de grupos marginalizados/invisibilizados que ressignificam o meio urbano enquanto arena de resistência, quanto a produção de sentido do observador, que validará seu conteúdo como legítimo ou ilegítimo de acordo com suas concepções e saberes.

Sendo assim, as manifestações nos muros podem até estar marginalizadas quando se considera o que pode conter o espaço urbano, contudo estão incluídas e visibilizadas pelos observadores urbanos, independente da empatia ou repulsa ao seu conteúdo que, diferentemente dos letreiros comerciais, banners e outdoors, está despido de qualquer relação direta com o capital, sendo assim genuinamente constituído de demandas e identidades populares.

Desse modo, as manifestações linguísticas ajudam a compor o espaço urbano, democratizam diferentes falares, visibilizam diferentes demandas e ainda, contribuem para a compreensão de realidades sociais vigentes que, seja pelo hábito de olhar mas não ver, ou pela normalização de problemas sociais crônicos, passam a perder visibilidade.

Entendemos, a partir desta pesquisa, que a linguagem expressa no meio urbano materializa, portanto, diferentes formas de poder, seja o poder do Estado, estabelecendo a partir de políticas linguísticas de que maneira as línguas estarão presentes nos espaços sociais, seja o poder circulante que passa pelos sujeitos que insurgem contra a normatização e assimilação das imposições do Estado. Destes polos de materialização do poder advém as relações sociais que se refletem na paisagem, como um espelho da cidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“A maneira como vemos o mundo afeta o mundo que vemos”
Salman Rushdie*

A partir da fundamentação teórica do campo da PL, da observação dos elementos de visibilidade trazidos por Gomes (2013), da consideração das singularidades de nosso espaço de pesquisa e identidades que nele circulam, e ainda, do aporte teórico de Foucault (1979; 1995; 2010; 2014) no que se refere às relações de poder, buscamos criar espaço de convergência teórica que oportunizasse a análise das manifestações linguísticas da paisagem enquanto um reflexo das relações sociais ali estabelecidas.

Dessa maneira, procuramos compreender como se caracteriza a PL de Foz do Iguaçu no que concerne às manifestações linguísticas em espaços não autorizados e, a partir da exposição desses elementos em mostra fotográfica e aplicação de questionários, buscamos aferir a percepção dos observadores acerca dessas manifestações no sentido de apreender de que maneira essa percepção pode contribuir à visibilidade dos grupos e demandas ali representados.

Para tanto, apresentamos na primeira parte desta pesquisa, o capítulo intitulado ‘A paisagem Linguística – conceitos e aproximações’, onde expusemos um breve histórico de pesquisas em PL. Trouxemos também a discussão acerca das manifestações linguísticas enquanto representação insurgente de resistência e finalizamos discutindo a formação da tríplice fronteira, onde nosso *locus* de pesquisa está inserido, a partir dos conceitos de território e de identidade.

No capítulo seguinte, apresentamos os procedimentos metodológicos que compuseram nossa pesquisa, partindo da delimitação espacial, detalhando o processo de escolha da amostragem e composição do questionário – do qual foram extraídos os dados da pesquisa.

Já na última parte, apresentamos o capítulo intitulado ‘A Percepção da Paisagem Linguística – Possibilidades de análise e compreensão’, no qual apresentamos a PL de Foz do Iguaçu através das imagens das manifestações linguísticas expostas na região central da cidade.

Na sequência desse capítulo, trouxemos a apresentação e a análise dos dados obtidos, concluindo-o com as reflexões propiciadas pela fundamentação do tema e análise dos dados obtidos, no sentido de demonstrar de que forma este estudo em PL pôde sugerir a análise do espaço linguístico da cidade enquanto espelho das relações que se desdobram na fronteira.

Sendo assim, procuramos nesta pesquisa propor o estabelecimento de uma ‘Sociolinguística da Paisagem Urbana’, baseando-a na confluência das relações epistemológicas entre a Geografia, a Sociologia, a Sociolinguística e a Linguística Aplicada, em um movimento integrativo e interdisciplinar.

Buscamos desse modo delinear um campo que possa acolher novas pesquisas que considerem a linguagem exposta no meio urbano como uma chave de compreensão das relações sociais contemporâneas, firmando também novas bases epistemológicas que sustentem análises de elementos sociolinguísticos e que por fim, possam nos dizer mais sobre os sujeitos, sobre a linguagem e sobre a maneira pela qual a relação entre eles nos revela o funcionamento desta sociedade.

6 REFERÊNCIAS

BACKHAUS, P. **Linguistic Landscapes: A Comparative Study of Urban Multilingualism in Tokyo**. Toronto: Multilingual Matters LTD, 2007.

BEN-RAFAEL, Eliezer; SHOHAMY, Elana; AMARA, Muhammad Hasan; TRUMPER-HECHT, Nira. "Linguistic Landscape as Symbolic Construction of the Public Space: The case of Israel". In: GORTER, Durk (Org.) **Linguistic Landscape: A New Approach to Multilingualism**. Toronto: Multilingual Matters LTD, 2006. p. 7-30.

BERGER, Isis Ribeiro. **Gestão do multi/plurilinguismo em escolas brasileiras na fronteira Brasil - Paraguai**. 2015. 300 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

BERGER, I. R.; ELSENBACH, L. R. J. Gestão do multilinguismo no espaço visual público em Foz do Iguaçu: um estudo sobre a visibilidade da diversidade linguística. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 433-456, ago./dez. 2017.

BERGER, I. R.; LECHETA, M. A paisagem linguística de um campus universitário fronteiriço: língua e poder em perspectiva. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 2, p. 396-414, maio-ago/2019.

BOURDIEU, Pierre. Sobre o Estado. Curso no Collège de France (1989 – 1992). Tradução de Rosa Freire d'Aguiar – 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CÁRDENAS, Linda O. González. **Mbyá Guaraní e turismo na tríplice fronteira: tensões e representações turísticas sobre "O Guaraní"**. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Curitiba: Universidade Federal do Paraná - UFPR, 2018.

DGEEC – DIRECCIÓN GENERAL DE ESTADÍSTICA, ENCUESTAS Y CENSOS. Proyección de la Población por sexo y edad, según distrito, 2000-2025 – Revisión 2015. Fernando de la Mora: DGECC, 2015.

FLICK, Uwe. Introdução a Pesquisa Qualitativa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2009.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 21ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (Ed.) **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução V. P. Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. Curso no Collège de France (1975 – 1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão – 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio - 24ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 1 ed. São Paulo, Paz e Terra, 2014b.

GOMES, P. C. C. **O lugar do olhar**: elementos para uma Geografia da Visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GORTER, D. **Linguistic Landscape**: A New Approach to Multilingualism. Toronto: Multilingual Matters LTD, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. RJ: DP&A, 2006.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades – Panorama. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/foz-do-iguacu/panorama>. (Acesso em 11/11/2019).

INDEC - INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y CENSOS. Proyecciones provinciales de población por sexo y grupo de edad 2010-2014. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: INDEC, 2013.

JORDÃO, Clarissa Menezes. A língua inglesa como “commodity”: direito ou obrigação de todos? VIII Congresso Luso-afro-brasileiro de Ciências Sociais, Setembro de 2004. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/grupodiscussao32/ClarissaJordao.pdf> (Acesso em 06/08/2019).

JUNG, N.M.; VECCHIA, A. D. Paisagem linguística em um contexto suábio-brasileiro: mobilidade e representação de uma comunidade “germânica”. **Revista da Anpoll**, nº 40, p. 115-128, Florianópolis, Jan./Jun. 2016

KRUG, Marcelo J.; HORST, Cristiane. IDENTIDADE E COMPORTAMENTO ÉTNICO-LINGUÍSTICO EM UM CONTEXTO MULTILÍNGUE NO SUL DO BRASIL: TEORIA E PRÁTICA. *Nonada: Letras em Revista*, vol. 1, núm. 24, enero-junio, 2015, pp. 173-187 Laureate International Universities Porto Alegre, Brasil

KUMARAVADIVELU, B. A linguística aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, L. P (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LANDRY, R.; BOURHIS, R. Y. Linguistic Landscape and Ethnolinguistic Vitality: An Empirical Study. **Journal of Language and Social Psychology**. March 1997 vol. 16 no. 1 p. 23-49.

LEIS, Héctor Ricardo. Especificidades e desafios da interdisciplinaridade nas ciências humanas. In: PHILLIPI JR. Arlindo; SILVA NETO, Antônio J. **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia e inovação**. Barueri, SP: Manole, 2011. p. 106 – 122.

MALINOWSKI, D. Authorship in linguistic landscape: A multimodal performative view. In SHOHAMY, E.; GORTER, D. **Linguistic Landscape: Expanding the scenery**. New York: Routledge, 2009.

POMBO, Olga. Epistemologia da Interdisciplinaridade. **Ideação**, v. 10, n.1, 2008. p.9-40.

RABOSSI, Fernando. **Nas ruas de Ciudad del Este: vidas e vendas num mercado de fronteira**. (Tese) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.

RABOSSI, Fernando. Como pensamos a Tríplice Fronteira? In: MACAGNO, L.; MONTENEGRO, S.; GIMENEZ, V. (Orgs.). **A Tríplice Fronteira: espaços nacionais e dinâmicas locais**. Curitiba: Editora UFPR, p. 39-62, 2011.

RAYNAUT, Claude; ZANONI, Magda. Reflexões sobre princípios de uma prática interdisciplinar na pesquisa e no ensino superior. In: PHILLIPI JR. Arlindo; SILVA NETO, Antônio J. **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia e inovação**. Barueri, SP: Manole, 2011. p. 143-208

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia**. Hucitec. São Paulo 1988.

SAQUET, Marcos Aurelio. **Abordagens e concepções de território**. 3ª edição. Outras expressões, São Paulo, 2013.

SHOHAMY, E. Language in public space. In; SHOHAMY, E. **Language Policy: hidden agendas and new approaches**. New York: Routledge, 2006.

SHOHAMY, E; GORTER, D. **Linguistic Landscape: Expanding the scenery**. New York: Routledge, 2009.

SILVA, I.; PIRES-SANTOS, M.E.; JUNG, N. M. Multilinguismo e política linguística: análise de uma paisagem linguística transfronteiriça. **Domínios da Linguagem**. vol. 10 n.4 | out. /dez. 2016, p. 1257-1277.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

SOARES, M.S. **“Só barulho do spray foskando algum tom”**: Os grafismos urbanos na paisagem sociolinguística da cidade de Juíz de Fora/MG. 2018. 213 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Juíz de Fora, 2018.

SPOLSKY, B. **Language Management**. UK: Cambridge University. Press, 2009.

WEBBER, Maria Aparecida. **Estudantes brasileiros de Medicina em Presidente Franco (PY)**: motivações e tensões de um fluxo universitário transfronteiriço. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Curitiba: Universidade Federal do Paraná - UFPR, 2018.

YU, M. S. M. **Presença das línguas chinesas e integração de chineses em diversos espaços sociais de Foz do Iguaçu – PR: um estudo interdisciplinar**. 2018. 135. f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Foz do Iguaçu.

ZOPPI-FONTANA, M. G. Identidades (In)formais: contradições, processos de designação e subjetivação na diferença. In: **Revista Organon**, vol. 17, nº. 35. Porto Alegre: UFRGS, 2003

7 Apêndices

APÊNDICE 1 – Questionário aplicado



QUESTIONÁRIO

As fotografias que você observa nessa mostra foram tiradas de alguns muros e paredes da cidade de Foz do Iguaçu. Gostaríamos de saber sua opinião sobre elas para auxiliar em nossa pesquisa. Esse questionário levará apenas 10 minutos para ser respondido e sua opinião será anônima.

1. Qual é o seu gênero?
☐ Feminino ☐ Masculino ☐ Outro _____.
2. No ambiente da cidade, onde estão as frases que mais chamam sua atenção?
☐ Outdoors / Placas de anúncios
☐ Cartazes
☐ Panfletos
☐ Muros e paredes
☐ Outro: _____.
3. Você já tinha visto algumas das imagens dessa mostra nas ruas do centro?
☐ Sim ☐ Não

4. Em caso positivo, quando você viu a(s) imagem(s), você leu o conteúdo?	
☐	Sim, eu li.
☐	Não, eu não li.
☐	Não tinha visto essas imagens antes.
5. Caso você tenha lido, esse conteúdo te impactou de alguma forma? Por que?	
6. Na sua opinião, por que as pessoas escrevem nos muros?	
☐	Por vontade de se expressar
☐	Por vandalismo
☐	Outro: _____.

Agora, para cada uma das imagens você deverá indicar a sua avaliação sobre o conteúdo (sobre o que está escrito nelas). Você poderá marcar até três opções para cada uma delas.

7. Na sua opinião, o que as seguintes imagens do Grupo A refletem, respectivamente:			
Imagem A1		Imagem A2	
☐	Um ato de coragem	☐	Um ato de coragem
☐	Resistência	☐	Resistência
☐	Vandalismo	☐	Vandalismo

☐ Afronta à justiça ☐ Reinvidicação de um direito ☐ Outra: _____	☐ Afronta à justiça ☐ Reinvidicação de um direito ☐ Outra: _____
Imagem A3	Imagem A4
☐ Um ato de coragem ☐ Resistência ☐ Vandalismo ☐ Afronta à justiça ☐ Reinvidicação de um direito ☐ Outra: _____	☐ Um ato de coragem ☐ Resistência ☐ Vandalismo ☐ Afronta à justiça ☐ Reinvidicação de um direito ☐ Outra: _____
8. Para você, o que refletem as imagens do Grupo B?	
Imagens B1, B2, B3 e B4 ☐ Um ato de coragem ☐ Resistência ☐ Vandalismo ☐ Afronta à justiça ☐ Reinvidicação de um direito ☐ Outra: _____	
9. O que refletem as imagens do Grupo C?	
Imagens C1 e C2	Imagens C3 e C4
☐ Um ato de coragem ☐ Resistência ☐ Vandalismo ☐ Afronta à justiça	☐ Um ato de coragem ☐ Resistência ☐ Vandalismo ☐ Afronta à justiça

☐ Reinvidicação de um direito ☐ Outra: _____	☐ Reinvidicação de um direito ☐ Outra: _____
10. E as imagens do Grupo D, respectivamente:	
Imagem D1 ☐ Um ato de coragem ☐ Resistência ☐ Vandalismo ☐ Afronta à justiça ☐ Reinvidicação de um direito ☐ Outra: _____	Imagem D2 ☐ Um ato de coragem ☐ Resistência ☐ Vandalismo ☐ Afronta à justiça ☐ Reinvidicação de um direito ☐ Outra: _____
Imagem D3 ☐ Um ato de coragem ☐ Resistência ☐ Vandalismo ☐ Afronta à justiça ☐ Reinvidicação de um direito ☐ Outra: _____	Imagem D4 ☐ Um ato de coragem ☐ Resistência ☐ Vandalismo ☐ Afronta à justiça ☐ Reinvidicação de um direito ☐ Outra: _____
11. O que refletem as imagens do Grupo E?	
Imagem E1 ☐ Um ato de coragem ☐ Resistência ☐ Vandalismo ☐ Afronta à justiça	Imagem E2 ☐ Um ato de coragem ☐ Resistência ☐ Vandalismo ☐ Afronta à justiça

☐ Reinvidicação de um direito ☐ Outra: _____	☐ Reinvidicação de um direito ☐ Outra: _____
Imagem E3	Imagem E4
☐ Um ato de coragem ☐ Resistência ☐ Vandalismo ☐ Afronta à justiça ☐ Reinvidicação de um direito ☐ Outra: _____	☐ Um ato de coragem ☐ Resistência ☐ Vandalismo ☐ Afronta à justiça ☐ Reinvidicação de um direito ☐ Outra: _____
12. Na sua opinião, algumas dessas frases devem ser apagadas? Se sim, qual/quais dela(s)?	
☐ Não ☐ Sim, as imagens: _____. (Ex: A1, Grupo B, C3...)	
13. Se sim, por que razão você acha que essas frases devem ser apagadas?	
☐ Porque poluem visualmente a cidade. ☐ Porque eu não concordo com o que está escrito. ☐ Porque é ilegal escrever nos muros. ☐ Não acho que devem ser apagadas. ☐ Outro: _____.	

Agradecemos sua participação!

APÊNDICE 2 - Banner convite à mostra fotográfica

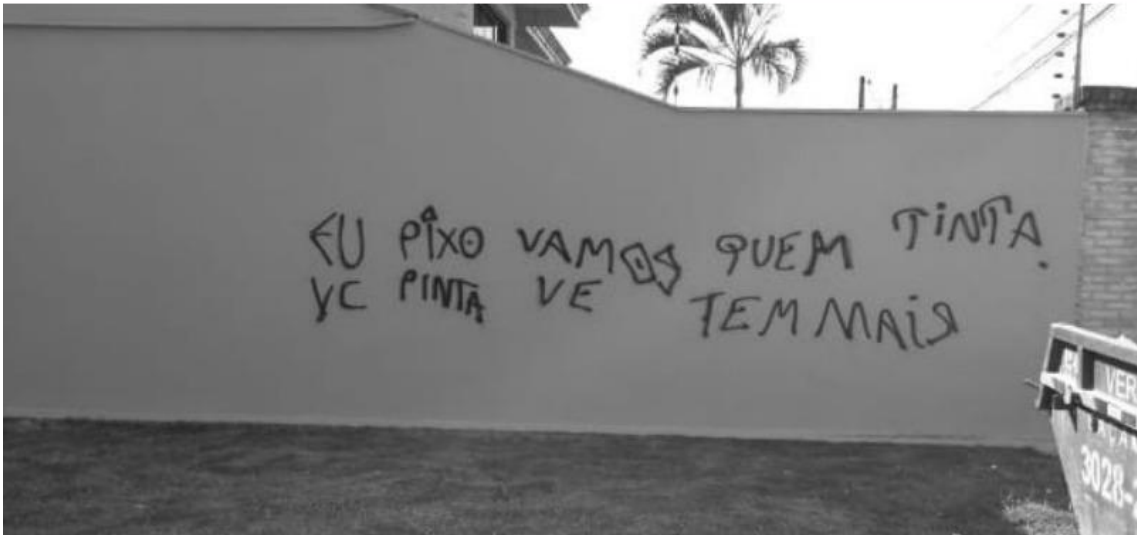
**EXPOSIÇÃO
FOTOGRAFICA**

**A PAISAGEM LINGUÍSTICA URBANA
EM FOZ DO IGUAÇU: LINGUAGENS E
IDENTIDADES EM PERSPECTIVA**

MICHELLE LECHETA
ORGANIZADORA

PROF^ª DRA^ª ISIS BERGER
SUPERVISÃO E ACOMPANHAMENTO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
STRICTO SENSU EM SOCIEDADE,
CULTURA E FRONTEIRAS



26 A 28/09/2018
08H00 ÀS 22H00 - HALL DO PRÉDIO ADMINISTRATIVO

PRIMAVERA UNIVERSITÁRIA 24 A 28 DE SETEMBRO DE 2018

CAMPUS UNIOESTE - FOZ DO IGUAÇU
AV. TARQUÍNIO JOSLIN DOS SANTOS, Nº 1300, PÓLO UNIVERSITÁRIO

APÊNDICE 3 – Estrutura da mostra fotográfica



APÊNDICE 4 – Público observador da Mostra

